



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
U. A. E. DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA–
MESTRADO PROFISSIONAL: HISTÓRIA, CULTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

MARIA APARECIDA GONÇALVES PEREIRA OLIVEIRA

**HISTÓRIA DE VIDA, HISTÓRIA LOCAL, FORMAÇÃO DO PENSAMENTO
HISTÓRICO: EXPERIÊNCIAS NA UTILIZAÇÃO DE PROJETOS NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

CATALÃO - GO

2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

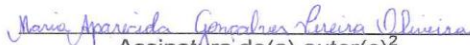
Nome completo do autor: Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira

Título do trabalho: História de vida, história local, formação do pensamento histórico: experiências na utilização de projetos no ensino de história

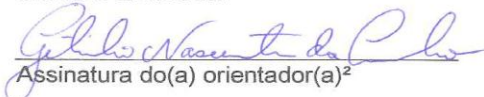
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 20/09/2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

MARIA APARECIDA GONÇALVES PEREIRA OLIVEIRA

**HISTÓRIA DE VIDA, HISTÓRIA LOCAL, FORMAÇÃO DO PENSAMENTO
HISTÓRICO: EXPERIÊNCIAS NA UTILIZAÇÃO DE PROJETOS NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional: História, Cultura e Formação de Professores, da UFG/Regional Catalão, vinculado a Linha de Pesquisa 1 - Cultura, Linguagens e Ensino de História, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha.

CATALÃO – GO

2017

Ficha de identificação

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gonçalves Pereira Oliveira, Maria Aparecida
História de vida, história local, formação do pensamento histórico:
experiências na utilização de projetos no ensino de História [manuscrito]
/ Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira. - 2017.
XCI, 91 f.

Orientador: Prof. Dr. Dr. Getúlio. Nascentes; da Cunha.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Programa de Pós
Graduação em História, Catalão, 2017.
Bibliografia. Anexos.
Inclui lista de figuras.

1. Experiência pedagógica. 2. Ensino de História. 3. Projetos
escolares. 4. Documentos. 5. Pensamento histórico. I. Nascentes; da
Cunha, Dr. Getúlio., orient. II. Título.

CDU 94



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 21

Aos três dias do mês de agosto de dois mil e dezessete realizou-se, na sala de Reuniões nº 104, Bloco L, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado *História de vida, história local, formação do pensamento histórico: Experiências na utilização de projetos no Ensino de História*, de autoria da mestranda Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jerônimo, professora da Universidade Estadual de Goiás – UEG/Pires do Rio; Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às quatorze horas, sendo presidida pelo Professor Getúlio Nascentes da Cunha (orientador) que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra à discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra às componentes da banca que tiveram cada uma, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, as arguidoras atribuíram o seguinte resultado: Aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos três dias do mês de agosto de dois mil e dezessete.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha (Orientador / UFG/RC) Getúlio Nascentes da Cunha

Profa. Dra. Marilena Julimar Aparecida F. Jerônimo (UEG/Pires do Rio) Marilena Julimar Aparecida F. Jerônimo

Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos (UFG/RC) Márcia Pereira dos Santos

“Por que falar de memórias?

Por que essas reminiscências têm tanto significado em nossa vida?

Memórias. Ah, essas memórias que nos marcam tanto!

Memórias que vêm e vão, que insistem em continuar conosco, com sentimentos, com ressentimentos, direcionando e redirecionando nossas decisões no presente.

Memórias que vêm das profundezas da alma, que nos encantam, que nos desencantam, que nos mostram caminhos, que trazem incertezas... porém, nossa aliada diária, que persiste, que fica, que marca, que traz dores, aromas, sabores, alegrias, frustrações, felicidades, infelicidades... que nos faz rir e chorar. É, tanta confusão! Mas, melhor tê-las que perdê-las, não é?”

Cida Gonçalves

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar a Deus, que permitiu a realização de mais esse sonho, que nunca me deixou perder a fé, a força, a persistência, e chegar a concluir essa pesquisa. Aos meus pais e meus irmãos, por serem minha fonte de inspiração. À minha família (esposo e filhos) e, também meu orientador prof. Dr. Getúlio.

AGRADECIMENTOS

Novamente, em primeiro lugar a Deus, por ter dado a mim, oportunidades de crescer como ser humano e como profissional.

A minha família, que souberam entender minhas dificuldades, que me auxiliaram, no que podiam, e que esteve ao meu lado, em todos os momentos. Em especial ao meu sobrinho Caio, com tantas atividades de estudos do seu Curso, encontrou tempo para auxiliar a mim, nas dúvidas e dificuldades “tecnológicas” e outras.

Aos meus colegas de trabalho, pelo apoio e ajuda, na execução dos projetos. Em especial, aos funcionários da secretaria das escolas, ao meu filho do coração, Renato e a minha colega e amiga, Sônia.

Aos meus colegas do Mestrado, que mostrou o valor da amizade, do companheirismo, de compartilhar conhecimentos.

Aos meus professores, de ontem e hoje, em especial meu primeiro professor, Antônio, que se “foi” recentemente, deixando um legado de conhecimento, que foi a base da minha vida de estudante.

Aos componentes da Banca de Qualificação, a prof^a. Dr^a Márcia e prof^a. Dr^a Lílian, pela correção e orientação. As componentes da Banca de Defesa, prof^a. Dr^a Márcia, que uma vez mais, vem contribuir para a concretização de mais um sonho, muito obrigada, por aceitar o convite. À prof^a Dr^a Julimar, que também, uma vez mais vem contribuir com meu conhecimento, muito obrigada, em aceitar participar da Banca.

Aos meus filhos, Cristiano e Crysthian, por quem sinto tanto orgulho, por serem dignos, honestos e trabalhadores, dando-me forças, para eu seguir nessa jornada, chamada vida.

E finalmente, ao meu orientador prof. Dr. Getúlio, na construção dessa “colcha de retalhos”, que começou, tão desorganizada, sem a “combinação de retalhos” mas com sua paciência, sua dedicação, seus esclarecimentos, e com minha “falta de memória”, esses “retalhos” aos poucos foram se organizando, possibilitando a finalização do meu tão sonhado Mestrado, minha eterna gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa visa apresentar experiências pedagógicas de trabalho com projetos disciplinares, por meio de documentos, procurando refletir sobre as fontes para a pesquisa, ensino e aprendizagem. Os projetos são realizados nas escolas onde sou professora regente da disciplina de História, cujo objetivo é o estudo das fontes documentais como, por exemplo, a história oral, que é vista como fonte de produção do conhecimento e reconstrução das memórias individuais e coletivas, de forma que podemos pensar nos alunos e no estudo da comunidade local. Tratamos das lembranças da comunidade local a partir de documentos pessoais, fotografias, objetos pessoais e, principalmente, da oralidade, como fontes para a construção do conhecimento em sala de aula e desenvolvimento do pensamento histórico. A metodologia com projetos visou, ao mesmo tempo, pesquisa e ensino, pois os alunos puderam reconstruir sua história de vida, bem como as memórias e imagens de casamentos da comunidade com as quais convivem. Para tanto, trabalhamos, também, com o conceito de tempo, a fim de mostrar a noção de temporalidade presente nesses sujeitos e as percepções do tempo vivido. O trabalho com a metodologia de projetos foi proposto com o intuito de os alunos conseguirem estabelecer relações de tempo e espaço, compreenderem mudanças, permanências e transformações em seu próprio modo de vida e dos indivíduos em diferentes espaços, com atividades corriqueiras do cotidiano, onde a história acontece. Assim, pudemos fazê-los perceber que são construtores da história de seu tempo. Trabalhamos dois projetos: o primeiro; História da Minha Vida, com duas turmas: a primeira do 6º ano, com 19 alunos. No Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, no município de Orizona, que se localiza no meio rural, cerca de 25 quilômetros da cidade. A outra turma era da Educação de Jovens e Adultos, do 1º Semestre do Segundo Segmento, que corresponde ao 6º ano, do ensino Fundamental II, que se localiza no meio urbano, na Escola Municipal Francelino Nunes de Paula.

O segundo projeto que se intitula Memórias e Imagens de casamento na região da Firmeza, foi trabalhado com a turma do 8º ano, no Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, no quarto bimestre, 2012. Era praticamente a mesma turma do projeto História da Minha Vida, sendo que poucos alunos saíram ou chegaram de outras escolas. Tinha 16 alunos. A pesquisa foi dividida em dois momentos: o primeiro trata das discussões acerca das fontes documentais que embasaram a realização dos projetos; e, em seguida, trabalhamos a prática desenvolvida na sala de aula, com uso de projetos como pesquisa, ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Experiência pedagógica. Ensino de História. Projetos escolares. Documentos. Pensamento histórico.

ABSTRACT

This research aims to introduce pedagogical experiences with disciplinary projects, through documents, searching to reflect on the sources for the research, teaching and learning. The projects are realized in the schools where I am a teacher of the discipline history, whose aim is the study of the documentary sources such as oral history, which is seen as a source of knowledge production and reconstruction of individual and collective memories, so that we can think in the students and in the study of the local community. Take care of the memories of the local community from personal documents, photographs, personal objects and, especially, of orality, as sources to the construction of knowledge in the classroom and development of historical thinking. The methodology with projects aimed at the same time, research and teaching, because the students were able to rebuild your life story, as well as the memories and pictures of weddings of the community with which they coexist. To do this, we worked with the concept of time, in order to show the notion of temporality present in these subjects and the perceptions of the time lived. The work with the methodology of projects was proposed with the intention of students can establish relations of time and space, understanding changes, transformations and stays in your own way of life and of individuals in different spaces, with activities of everyday life, where the history happens. So, we got to make them understand that they are builders of your history time. We worked two projects: First, History of my life, with two classes: The first of sixth grade, with nineteen students. In the school Escola Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, in the municipality of Orizona, that is located in the rural area, about twenty-five kilometer of the city. It was practically the same class of the Project History of my Life, being that little students left or arrived of others schools. It had sixteen students. The research was divided into two moments: the first deals with the discussions about the documentary sources that based the realization of the projects; and then, worked the practice developed in the classroom, with use of projects such as research, teaching and learning. Finally, we made a pedagogical proposal, through the methodology of class, to be developed with students in the ninth grade of elementary school, about memories of the survivors of Second World War. The data for this activity already had been collected in previous researches.

Keywords: Pedagogical experience. History teaching. School projects. Documents. Historical thinking.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Exposição e apresentação do memorial da aluna Sofia	58
Figura 2 – Exposição e apresentação do memorial da aluna Vitória.....	63
Figura 3 – Exposição e apresentação do memorial da aluna Letícia.....	64
Figura 4 – Convite enviado para a comunidade escolar e local	70
Figura 5 – Folder a Exposição do projeto, a representação do casamento religioso e alguns objetos de enxoval	72
Figura 6 – Catálogo das fotos com os relatos de acordo com as décadas trabalhadas	73
Figura 7 – Representação da parte festiva dos casamentos e imagem dos organizadores do projeto	73
Figura 8 – Imagens de casamentos das décadas de 1920, 30, 40, 50, 60 e 70, respectivamente.	76
Figura 9 – Imagens de casamentos das décadas de 1980, 90, do início do século XXI (2000, e 2011).....	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DOCUMENTOS CONSTRUTORES DE SABERES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: HISTÓRIA ORAL, FONTES DOCUMENTAIS, FOTOGRAFIA E ORALIDADE	25
1.1. Um estudo sobre a memória individual e a memória coletiva.....	28
1.2. Documentos como metodologia de pesquisa, ensino e aprendizagem	32
1.3. História e métodos de ensino e aprendizagem.....	42
2. ENSINO DE HISTÓRIA COM METODOLOGIA DE PROJETOS: O USO DE DOCUMENTOS E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAR HISTORICAMENTE	45
2.1. Projetos escolares como metodologia para preservar a memória e o desenvolvimento do pensamento histórico	46
2.3. Memórias e imagens de casamento – memórias afetivas de sujeitos da comunidade	65
2.3.1. Conhecendo um pouco sobre a história da Fazenda Firmeza	66
2.3.2. Organização e execução do projeto.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

A ideia de trabalhar os projetos como fonte, nessa pesquisa surgiu de experiências desenvolvidas com projetos, que realizo ao longo da carreira de docente. Assim a dissertação que foi pensada para relatar e discutir as experiências pedagógicas, em seu percurso, foi tomando uma dimensão maior do que imaginávamos. Trabalhando as várias linguagens ao longo do texto, percebemos a complexidade do trabalho em sala de aula, mais especificamente com projetos escolares. Tivemos então que laborar em mão dupla: de um lado, relatar e discutir os projetos; de outro, focar o estudo no pensamento histórico, sendo muito desafiador e compensador ao mesmo tempo. Dialogando dessa forma, produzimos uma pesquisa que nos direcionou a novas e estimulantes descobertas. Além disso, aprofundou o conhecimento acerca do trabalho com a fonte oral, além de outras fontes dispensadas à realização dos projetos.

Diante disso a pesquisa tem como objetivos descrever experiências de trabalho com documentos e refletir sobre as fontes para a pesquisa, ensino e aprendizagem, na disciplina de História. Propomos também tomar os projetos como fonte, e principalmente como possibilidades metodológicas. Para tanto, foram desenvolvidas duas experiências pedagógicas em escolas do Ensino Fundamental II: Escola Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, no meio rural; e Escola Municipal Francelino Nunes de Paula, ambas no município de Orizona¹ – GO. Esses relatos de experiência, realizados com projetos na disciplina de História, é um estudo do uso da história oral, dentre outros documentos, abordando a problemática da memória para conscientizar os alunos de seu papel enquanto seres ativos na construção da história de seu tempo. Também analisamos a incorporação de fontes capazes de levá-los à compreensão do uso de tais documentos na produção do conhecimento e desenvolver o pensamento histórico. Informamos ainda que os nomes dos alunos e entrevistados são fictícios².

O primeiro projeto intitula-se *História de Minha Vida* e foi desenvolvido com duas turmas: 6º ano do Ensino Fundamental no Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro; 1º Semestre, do 2º Segmento, da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Francelino Nunes de Paula, trabalhado no 1º Bimestre, 2010, ambas localizam no município

¹ O município de Orizona está localizado na mesorregião do Sul goiano, na microrregião de Pires do Rio (Sudeste do Estado de Goiás), também denominada região da Estrada de Ferro, estando a sede distante 135 km da capital do estado, Goiânia. O município é limítrofe de Luziânia, Silvânia, Vianópolis, Ipameri e Urutaí. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/orizona>.

² Decidimos colocar os nomes fictícios, para que não haja problemas em relação a identificação dos depoentes e alunos.

de Orizona Goiás. O motivo de desenvolver esse projeto surgiu da necessidade de trabalhar o documento histórico - conteúdo pertinente ao bimestre - bem como, trabalhar com documentos pessoais, a história oral, a fotografia, a memória e a oralidade, conscientizando os alunos de seu papel enquanto ser que produz história.

Para maior conhecimento do leitor, faremos uma breve apresentação das turmas e escolas onde os projetos foram desenvolvidos. Iniciamos pela turma do 6º ano: uma turma que, à época, não tinha alunos fora da faixa etária, ou seja, a maioria entre 11 e 12 anos de idade; a sala tinha poucos alunos, os quais eram participativos e, relativamente, bem comportados; com raras exceções, tinham dificuldades na aprendizagem. Trabalhei com eles do 6º ao 9º ano e foi uma turma com a qual gostei muito de trabalhar e, ainda hoje, é muito especial pra mim. Eles também retribuem esse afeto. O Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro localiza-se no meio rural, no município de Orizona, cerca de 25 quilômetros da cidade e é situada em um pequeno povoado, cujo nome é Firmeza, nome dado a toda região, inclusive às pequenas propriedades rurais circunvizinhas à escola, onde trabalhamos com alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, com turmas do Jardim I ao 9º ano, cujas aulas são ministradas no matutino. No período noturno, há turmas do Ensino Médio e funciona com uma parceria entre governo estadual e municipal. Atualmente com 122 alunos.

O espaço físico compreende em: 9 salas de aula; 1 biblioteca que funciona nos períodos das aulas com empréstimos de livros, uma vez por semana; 1 sala dos professores; sala da diretoria; laboratório de informática, com 8 computadores e acesso à internet, 1 sala dos professores, 4 banheiros – 2 para alunos e 2 para funcionários; almoxarifado; cantina; sala de vídeo; pátio aberto, e área externa com árvores, gramados, e outros. A maioria dos alunos reside próximo à escola, e outros vêm de localidades mais distantes, contudo, devido à distância, todos dependem do transporte escolar para os estudos. Inclusive os professores, como eu, utilizamos do transporte para o trabalho, pois a maioria dos docentes reside na cidade. Enfrentamos estradas com buracos, poeira, lama, atolamentos, quebra de veículos e outros transtornos, que tornam a nossa profissão mais árdua, porém, compensadora.

Quanto à escola de Educação de Jovens e Adultos, Escola Municipal Francelino Nunes de Paula, localiza-se no perímetro urbano, também na cidade de Orizona. O espaço físico compreende em: 8 salas de aula; 1 biblioteca e laboratório de informática na mesma sala com 12 computadores e acesso à internet; 1 sala dos professores; sala da diretoria; 1 sala dos professores, 4 banheiros – 2 para alunos e 2 para funcionários; almoxarifado; cantina; pátio aberto, e área externa com árvores. Funciona nos três turnos, com turmas do 1º ao 9º ano

nos turnos matutino e vespertino; e a Educação de Jovens e Adultos no noturno, com turmas únicas, isto é, da alfabetização ao 6º Semestre, que corresponde ao 9º ano. Num total de 252 alunos.

As turmas da Educação de Jovens e Adultos apresenta-se, como já é sabido sobre essa modalidade de ensino, com turmas heterogêneas, com alunos de idade acima de 16 anos e não tendo, portanto, limite de idade. A turma com a qual trabalhamos não foge à regra, tinha alunos jovens e alunos mais velhos, como a dona Maria e a aluna Bianca, sobre as quais discutiremos suas memórias.

Alguns alunos apresentaram dificuldades de aprendizagem, outros desenvolviam rápido, como foi o caso de dona Maria, que narrou sua história de vida, tecendo as memórias ruins e boas. Notamos que essas memórias estavam presentes no cotidiano de Maria e dos demais alunos, influenciando seus pensamentos e as ações. Ela nos contou sua história de vida, os graves problemas que ocorreram no casamento, como a violência doméstica - física e psicológica - e como enfrentou essas dificuldades, deu a volta por cima e se diz muito feliz com coisas corriqueiras do seu cotidiano. Relatou que falar de seu passado foi uma das dificuldades encontradas na pesquisa:

Me dói muito falar do meu passado. Ele me machucou bastante, pois muitas palavras fere e atinge mais que uma paulada. Eu não fui, nem sou perfeita. Só que era coisa que tinha conserto. Com palavras, compreensão, carinho, diálogo resolveria. E com o passar do tempo, aquele amor doentio, que eu sentia por ele, foi acabando. Foi como uma brasa sozinha, foi se apagando aos poucos (março, 2010).

A aluna Bianca, relata sua história enfatizando como era sua infância e no decorrer dos relatos, que discutiremos mais no segundo capítulo, ela luta para superar as dificuldades em viver sem a presença do pai, tentando superar traumas de infância:

[...] Somos em sete irmãos. Para mim a maior dificuldade de escrever essa história da minha vida é ter que falar sobre meu pai. Fiquei pouco tempo junto com ele, não consigo lembrar de nem um momento bom. As lembranças que tenho são muito ruins, de muita briga. Ele e minha mãe nunca foram felizes no casamento. Eu era muito pequena não entendia porque eles brigavam tanto. Eu, como toda criança queria só ter meu pai e minha mãe juntos (março, 2010).

Nessa parte do texto, a aluna descreve sua memória traumática. As brigas dos pais deixaram marcas profundas em sua vida e influenciaram decisões a serem tomadas mais adiante. Foi o que observamos na narrativa da aluna, uma vez que fala de suas lembranças de infância com sentimento de dor e angústia, interferindo em sua vida diária.

Nota-se pelos relatos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos foram ricos, com narrativas carregadas de sentimentos e/ou ressentimentos e superação, embora, apenas com a fonte documental (oral) não sendo possível responder a algumas questões colocadas como: peso, medida, horário de nascimento, enfim, dados que seriam obtidos com uso de documentos pessoais como cartões de vacina e registros oficiais de cartórios e hospitais. Mas, sabemos que a reconstrução da memória é algo parcial, portanto, lidamos com uma das dificuldades no processo da reconstrução/construção da história.

Em contrapartida os alunos do 6º ano, tiveram dificuldades em relatar suas memórias, como foi o caso da aluna Sofhia, que não se recorda do seu primeiro dia de aula, “Eu não me lembro do meu primeiro dia de aula. Só sei que foi no ano de 2003, quando eu tinha 5 anos” (fevereiro, 2010). Diante disso o foco principal foi o estudo da memória. Assim percebemos, que apesar das dificuldades em relatar sua vida, os alunos da Educação de Jovens e Adultos, descreveram com mais detalhes acerca de sua trajetória de vida. Porém, com a documentação em mãos os alunos do 6º ano, tiveram oportunidades de conhecer detalhes de sua infância, que, provavelmente, não perguntariam a seus pais, como nos disse na roda de conversa, na última etapa do projeto: primeira palavra pronunciada, o momento que aprendeu a andar, etc.

Este projeto *História da Minha Vida* foi um grande aprendizado para mim, enquanto docente, para analisar a relação entre história oral, memória e os estudos de documentos, e levar os alunos a desenvolverem o pensamento histórico. Segundo Siman (2005, p. 124), o pensar histórico não é algo que o aluno possui ao chegar à sala de aula, precisa ser trabalhado e é um processo que vai se desenvolvendo ao longo da sua vida escolar.

O segundo projeto, *Memórias e Imagens de Casamentos na região da Firmeza, 1920 aos dias atuais*, foi realizado em outubro e novembro de 2012, com a turma do 8º ano, no Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, que foi organizado por mim; por funcionários do administrativo - Renato³, Sônia de Fátima⁴ alunos e pessoas da comunidade. Essa turma era a mesma do 6º ano, aquela do *Projeto História da Minha Vida*. A turma permanecia com as mesmas características de 2010, embora, com ingresso de dois novos alunos - um repetente, com dificuldades de aprendizagem e mal comportado, e uma aluna que era o oposto deste. E a saída de três alunos, encerrando o ano letivo com dezesseis alunos em

³ Renato de Castro, Graduado em História, pela Universidade Estadual de Goiás – Pires do Rio. Trabalha no administrativo. Esforçado, dedicado e criativo. Interessado pela história da região auxiliou-nos com pesquisas de campo, sobre a história local e as memórias dos depoentes. Além de colaborar em outras etapas da pesquisa.

⁴ Sônia de Fátima Mariano trabalha no administrativo. Criativa, com boas ideias acerca de decoração, auxiliou-nos em várias etapas, dentre elas a preparação dos convites, da organização da exposição e outras etapas, que seguiram a execução do projeto.

sala de aula. Mas, ainda continuava uma turma de alunos interessados e participativos. Daí a escolha por tal turma para trabalhar o projeto.

Esse novo projeto teve como objetivos discutir as memórias e imagens fotográficas de casamentos acontecimentos no período proposto, além de estudar a história local por meio de namoros e casamentos de pessoas da comunidade, para compreender os laços de parentesco presentes na região. Vale mencionar que eu, e especialmente os alunos, em sua grande maioria, são parentes - próximos e/ou distantes. O projeto utilizou como fundamentação teórica o documento, a história oral, a fotografia, a memória e a oralidade.

Dessa maneira, ministrando aulas nas disciplinas de História, Artes e Orientação Agroambiental, no Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro; e História e Geografia, na Escola Municipal Francelino Nunes de Paula, uma das metodologias que uso é o trabalho com projetos. Acredito que esse tipo de didática valoriza o conhecimento que os alunos possuem, além de fazer com que os estudantes participem da produção do conhecimento. Ademais, os alunos gostam dessa metodologia de ensino e aprendizagem porque podem participar, diretamente, da produção do conhecimento, saindo um pouco da rotina da sala de aula, muitas das vezes cansativas e frustrante, tanto para os alunos quanto para mim, professora.

Além de trabalhar com projetos, gosto de sair da sala de aula para ministrar aulas: sentamos na calçada em frente à Igreja, vamos para a quadra de esportes, sentamos debaixo de árvores no pátio da escola, etc. Isso não atrapalha o andamento das aulas, pelo contrário, os estudantes participam com mais interesse, sem se “deixar levar” pelos acontecimentos ao nosso redor. Acredito que o ambiente externo à sala de aula é importante para desenvolver o aprendizado. Dentre essas metodologias, destacamos os dois projetos já citados, que embasaram nossa temática com o estudo da história oral e outros documentos na sala de aula, levando os alunos a pensar sobre a História.

Como professora dessa disciplina, incomoda-me muito quando ouço as pessoas dizerem, e mesmo meus alunos, sobre essa área do conhecimento: “*Pra que estudar História*”? “*Pra que estudar a história de quem já morreu*”? “*Pra que lembrar de personagens, de fatos do passado*”? “*Pra que saber como o povo vivia antigamente*”? Em relação às outras pessoas, não posso fazer muito, mas, enquanto mediadora do conhecimento, tento passar aos meus alunos que a história é construída com os acontecimentos do dia a dia, tanto na política, economia e na vida social quanto no cotidiano de cada um de nós, afinal, é o passado que interfere em nosso presente quando registramos em nossa memória fatos e vivências passadas.

Essas memórias estão entrelaçadas na convivência que se apresenta em várias etapas da vida em sociedade e da aprendizagem humana - formal e/ou informal - que acontece ao longo da vida (MARTINS, 2011, p. 45-46). Hobsbawm (2013) declara que a humanidade tem consciência de seu passado, pois convive com pessoas mais velhas. E, para o autor, “O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana” (HOBSBAWM, 2013, p. 25). Sendo assim, o passado não pode ser visto como algo que não existe mais, que ficou preso no tempo, mas sim que está presente na história da humanidade, influenciando atitudes e comportamentos do dia a dia. Ainda de acordo com o autor, é indispensável que façamos relações entre passado, presente e futuro.

É inevitável que nos situemos no *continuum* de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos. É inevitável fazer comparações entre passado e presente: e essa é a finalidade dos álbuns de fotos de família ou filmes domésticos. Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a *experiência* significa (HOBSBAWM, 2013, p. 25).

Pensando nisso, desenvolvo projetos e métodos de ensino com trabalhos que utilizam a história oral, além de outras fontes, para que esses sujeitos percebam que suas histórias e identidades são construídas ao longo de suas trajetórias de vida, refletindo no modo de pensar e agir. Entendo que, ao fazer isso, os alunos estabelecem relações de tempo e espaço, noções de permanência e mudança no modo da própria vida e de outras pessoas, em diversos espaços onde a história acontece.

Entretanto, segundo Cainelli (2009, p. 128), “O jovem não vê, nas experiências do passado, vestígios das experiências que conferem modelos ao mundo ao qual vive”. Ou, como coloca Hobsbawm (1995, p. 13): “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”. Ainda em consonância com o autor, o ofício do historiador é lembrar quando os outros esquecem. Na mesma direção, Siman (2005, p. 116) aponta que “Essa situação se agrava nas sociedades modernas que são, por definição, sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes”. O passado, portanto, para a maioria desses adolescentes, perde espaço para as mudanças e transformações que ocorrem o tempo todo e, o fato de valorizar, de relembrar o passado, para eles, não dá sentido à sua vivência. Diante disso, o papel do professor/historiador, é levar os alunos a perceberem que precisamos do passado como referência para as decisões do presente.

Como ação pedagógica, trabalhamos com as memórias coletivas da comunidade local, com o intuito de tentar levar os alunos a compreenderem o cotidiano desses sujeitos através de suas narrativas – memórias, bem como conhecer sua história de vida por meio de documentos pessoais, fotografias, fonte oral e objetos pessoais, para compreenderem que o dia a dia do indivíduo é fruto do contexto no qual está inserido, ou seja, o contexto histórico de seu tempo e a sua história de vida estão interligados com os demais grupos com os quais se relacionam.

A partir desse método os alunos desenvolvem sua capacidade de criticar, de questionar, de levantar hipóteses de como ocorreram as experiências vividas pelos depoentes, valorizando a reflexão sobre o cotidiano. Assim, são incentivados a perceberem que a história não está ligada somente a grandes personagens e acontecimentos, mas eles também estão situados na história e podem ser percebidos como construtores do processo histórico. Nesse sentido “o professor, entendido nesse processo também, como um investigador, passa a ter uma participação ainda mais importante, na relação entre as ideias tácitas que os alunos possuem e a leitura de mundo que devem realizar nas aulas de História” (SOBANSKI, 2008, p. 27).

Como fundamentação teórica, discutiremos os documentos trabalhados na prática pedagógica como produtores de conhecimento. Os documentos por nós selecionados tiveram como objetivo levar os alunos a compreenderem como podemos utilizar tais metodologias para a pesquisa, ensino e aprendizagem.

O período proposto para a realização da pesquisa desenvolvida no Mestrado está voltado para dois projetos, já apresentados, que serviram de fundamentação teórica para as discussões acerca do ensino de História. Sistematizando essa experiência, e propondo, através dessa prática de ensino, um novo olhar sobre a vivência de nossos alunos, apontando para caminhos que levam a reflexão dessa metodologia de ensino em sala de aula, e fora da sala de aula, já a proposta vai além dos muros da escola, desenvolvendo também a pesquisa de campo.

Partimos das seguintes problemáticas: Como trabalhar projetos escolares que viabiliza a pesquisa, ensino e aprendizagem na formação de docentes que pensem a História a partir das práticas cotidianas da vida a qual está inserida? Pensando nessa prática de ensino, que trabalha com várias linguagens, problematizamos também: como trabalhar documentos, transformando-os em instrumentos didáticos como formadores do pensamento histórico? Para tanto, pretendemos tomar os projetos escolares como fonte de pesquisa, linguagem e metodologia no ensino de História. Apresentando a pesquisa, e refletindo sobre a prática dessa metodologia, para melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem e fazer com que os alunos

compreendam que fazem a história da humanidade. Sabendo que todos os seres humanos fazem história, assim, esperamos que os alunos compreendam que nessa produção histórica é ator que atua diretamente, sendo vivenciada por todos nós, tecendo a trama histórica em que todos estão envolvidos.

Nessa construção da História, tendo como base o agir do homem ao longo do tempo, os “rastros” deixados pela humanidade produz o documento histórico, fornecendo o material necessário para a produção do conhecimento. Para Le Goff (2003), o documento histórico é

[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 2003, p. 538).

Dessa maneira, o documento histórico leva-nos a entrar em contato com sociedades e temporalidades, através de registros de textos escritos, iconográficos ou materiais, além de outras fontes produzidas pela humanidade ao longo do tempo. Na historiografia tradicional, a história era vista como algo que ocorreu no passado e, por meio dos diversos vestígios e registros deixados pelo homem, o historiador formulava seus questionamentos acerca desses documentos, com metodologia da observação, utilizando, basicamente, o texto escrito. As mudanças, ao longo do tempo, fez com que o conceito de documento se ampliasse, tornando possível realizar estudos e pesquisas a partir de diversos documentos produzidos pelo homem. Nesse sentido, os documentos utilizados para efetivação dos projetos propostos e que foram fonte de dados para esta pesquisa, resultou no estudo da memória coletiva da comunidade local, tendo como base a documentação pessoal e a história oral.

A partir dessas considerações, o presente trabalho tem por finalidade refletir sobre trabalhos realizados no ambiente escolar e extraescolar, na disciplina de História, com o intuito de levar os alunos a terem consciência de seu papel de construtor e produtor da história, relacionando-o com a vida prática desses indivíduos. As fontes com as quais trabalhamos foram pontes para a produção da vida pela História. Com esse método, os alunos puderam narrar a própria história, além de conhecer fatos e vivências de indivíduos da comunidade local.

Schmidt e Cainelli partem do pressuposto de que todos os homens são agentes históricos, ou seja, que a história é feita por todos nós, e enfatizam, ainda, que um dos objetivos do ensino de História

[...] consiste em fazer o aluno ver-se como partícipe do processo histórico. Tal compreensão, de um lado, deve levá-lo a entender que sua história individual, resulta de um movimento processual e, de outro, a compreender que também ele faz a história (SCHMIDT/CAINELLI, 2004, p. 125).

Com isso, o desafio que o ensino de história enfrenta é o de tornar consciente a sua relação com o presente para orientar o agir. Aprender é algo constante e, no que se refere ao aprendizado em sala de aula, dar-se-á de diversas formas. Para Rüsen (2010, p. 91), “[...] a História pode ser aprendida dos mais diversos modos e com os mais diversos conteúdos, daí a necessidade do trabalho interdisciplinar como método de ensino da história”. Como afirma o autor, pensamos que um desses métodos seja a sala de aula, espaço onde se aprende e ensina. Nesse sentido,

O aprendizado se realiza ao longo de uma dupla experiência: uma é o contato com o legado da ação humana, acumulada no tempo, e que chamamos comumente de ‘história’, não raro com inicial maiúscula. Esse contato se dá de forma espontânea, no convívio social do cotidiano, nos múltiplos âmbitos da experiência concreta vivida. Essas experiências emolduram as tradições, as memórias, os valores, as crenças, as opiniões, os hábitos que se acumulam e nos quais se formam, se forjam os agentes, desde pequeninos – a começar pela linguagem e pelo convívio familiar. A outra experiência é a escolar (APRESENTAÇÃO: SCHMIDT, BARCA, MARTINS, 2011, p. 09).

Segundo os autores, ao discutirem o pensamento de Jörn Rüsen - que trabalha com o processo de formação do aprendizado e da consciência histórica - o aprendizado acontece em mão dupla: “aprende-se com o que se encontra ou com quem encontramos; inversamente, aprendem conosco aqueles com quem convivemos e, a partir de nossas ações concretas, produz-se no modo vivido realidade transformada. Os processos de mediação são constantes e intercambiáveis” (SCHMIDT, BARCA, MARTINS, 2011, p. 09), além de, em função deles, serem constantes as trocas de conhecimentos.

A metodologia de trabalho com a história oral faz com que os alunos não sejam passivos aos conteúdos a serem ensinados, instigando-os a ter um olhar histórico do mundo em que vivem, segundo Cainelli (2009). O método pode e deve servir de reflexão, levando os alunos a terem consciência de si e do outro, fazendo um diálogo com o tempo do indivíduo. É “um dos princípios do desenvolvimento do pensamento histórico” (CAINELLI, 2009, p. 123), fundamental no pensamento do indivíduo, pois “é a História que dá sentido de orientação às decisões que tomamos no presente” (CAINELLI, 2009, p. 128).

Observamos nas aulas de História é que muitos de nossos alunos não conseguem relacionar o conteúdo estudado à sua vida prática e compreender que as mudanças que

ocorrem com as pessoas e o mundo que as cerca é resultado das transformações ocorridas, também, no decorrer do tempo. Sem essa conscientização, há a “passividade” em relação à História que, segundo Luiz Fernando Cerri (2011), seria de ordem cognitiva, educacional, sociológica e cultural:

A rejeição de muitos alunos em estudar história pode não ser somente uma displicência com os estudos ou uma falta de habilidade com a matéria, mas um confronto de concepções muito distintas sobre o tempo, que não encontram nenhum ponto de contato com o tempo histórico tal qual aparece na narrativa de caráter quase biográfico das nações ou da humanidade (CERRI, 2011, p. 17).

Nesse sentido, é importante levar os alunos a pensarem seu papel na História, tratando, portanto, de ampliar suas próprias memórias, pois “falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas - por mais insignificante que sejam nossos papéis - como observadores de nossa época” (HOBSBAWM, 1995, p. 13). É a partir das relações com o outro que se dá sentido de pertencimento, ou seja, de pertencer a um determinado grupo, adquirindo para si a cultura expressa nessa coletividade.

Também é importante fazer com que os alunos compreendam que a história da humanidade não é produzida somente por “grandes homens”, mas por aqueles, como nós, que tecem sua trama e ajudam a produzir a história da humanidade. Nesse contexto, o estudo da história local e do cotidiano é de suma importância para essa compreensão, pois

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. Assim, o ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica. A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de, juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros (FONSECA, 2006, p. 133).

Com isso, o professor precisa desenvolver métodos que aproximem a disciplina de História com a realidade em que vivem os alunos e o mundo que os cerca.

A partir dessas considerações, o trabalho pretende discutir o estudo e a pesquisa via documentos, com a metodologia de projetos, valorizando o cotidiano dos sujeitos, levando-os

a pensar historicamente, trazendo conhecimentos e possibilitando novas perspectivas na educação escolar. Segundo Guimarães,

Ao incorporarmos diferentes linguagens no processo de ensino de História, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares, as culturas escolares e o universo cultural mais amplo, mas também a necessidade de (re)construirmos nossas concepções pedagógicas. As metodologias de ensino, nesses tempos, exigem do professor permanente atualização, constante investigação e contínua diversificação de fontes, artefatos e manifestações de cultura contemporânea em sala de aula, respeitando as especificidades de cada uma delas (GUIMARÃES, 2012, p. 259).

Dentre as várias linguagens de ensino citadas pelo autor, trabalhamos com o documento, lembrando que este não traz uma pesquisa pronta, mas é preciso que se investigue sua fonte para complementar o conhecimento. No mesmo direcionamento, para complementar o assunto, Marc Bloch afirma que

(...) todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância (...) seremos provavelmente obrigados a nos remeter a testemunhos da época, caso existam, ou proceder por analogia, com ajuda de outros (BLOCH, 2001, p. 71-72).

Sobre essas narrativas, argumenta o mesmo autor:

(...) não existe outra máquina capaz de voltar ao tempo senão a que funciona em nosso cérebro, com materiais fornecidos por gerações passadas (...) se limita a indicar a presença de um intermediário (...) em sua quase totalidade, imensa massa de testemunhos não-escritos (BLOCH, 2001, p. 72).

Circe Bittencourt adverte a impossibilidade de ensinar “toda a história da humanidade” (BITTENCOURT, 1998, p. 18) e a necessidade de atender aos interesses das novas gerações, além de estar atento às condições de ensino, que segundo a autora é precária, principalmente, no que se refere às escolas públicas, e exige que os professores estejam atualizados, com cursos de formação. Porém, não podemos desanimar, temos que buscar novos meios para tornar nosso trabalho mais prazeroso. Para mim, a realização dos projetos escolares é uma forma de tornar o ensino e a aprendizagem mais estimuladores. Mas, como diz Guimarães, não existem receitas prontas, apontamos para um direcionamento, acreditando em projetos abertos e flexíveis, em que o professor e/ou grupos de professores apresentem “sua maneira própria de ser, pensar, ensinar em condições e contextos próprios, constrói a sua experiência. Partilho com você a minha experiência que é também de muitos, na medida em que projeto pressupõe trabalho coletivo, sempre!” (GUIMARÃES, 2012, p. 178). Diante disso, volto a dizer, trabalhamos nos projetos, entre outros conceitos, a memória, história oral, imagem e

objetos pessoais como documentos, que nortearam o desenvolvimento das ações de pesquisa, ensino e aprendizagem.

O material produzido, do projeto Memórias e Imagens de casamento na região da Firmeza encontra-se na biblioteca da escola para que outros profissionais da educação possam fazer pesquisas, ou, para que as pessoas da comunidade possam ler e compreender um pouco mais sobre as memórias afetivas da comunidade.

Dividimos o texto que ora segue em dois capítulos. No primeiro, faremos uma discussão acerca da memória, de como a afetividade está presente em nossas lembranças, direcionando e redirecionando a vida cotidiana de todos nós. Abordaremos, ainda, o fato de como podemos desenvolver pesquisas para o ensino e aprendizagem através de documentos como: a memória, história oral, a fotografia e objetos pessoais, quando o objetivo do estudo é a produção da história de vida e das memórias da comunidade local. Para tanto, discutimos os documentos que foram trabalhados nos projetos, com o intuito de levar os alunos a perceberem que são fontes para o ensino e aprendizagem, bem como para pesquisas, com isso compreender que podemos utilizar diversas linguagens na sala de aula, especialmente no ensino de História. No segundo capítulo, apresentaremos os projetos desenvolvidos por nós, nas escolas e turmas já citadas, com intuito de discutir o documento como produtor de conhecimento em sala de aula, relacionando-os à vida prática dos alunos.

1. DOCUMENTOS CONSTRUTORES DE SABERES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: HISTÓRIA ORAL, FONTES DOCUMENTAIS, FOTOGRAFIA E ORALIDADE

É preciso reconhecer o óbvio: o professor de História não opera no vazio. Os saberes históricos escolares, os valores culturais e políticos são ensinados na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educativos. Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos no processo de ensino e aprendizagem variadas fontes, linguagens, suportes e estratégias de ensino.

Selva Guimarães

Neste capítulo, propomo-nos a fazer um estudo mais profundo sobre a memória, para tentar compreender um pouco mais sobre o assunto e como as lembranças influenciam nosso cotidiano. Além de se tratar de um assunto acadêmico, será também estudado por motivos de ordem profissional e pessoal, para tanto, debruçaremos de maneira mais pormenorizada, a fim de alcançar os objetivos esperados. Começaremos nossa reflexão sobre memória discutindo sua interligação com outras áreas do conhecimento, bem como sua definição e discussão, segundo autores da alçada de Jacques Le Goff, Marc Bloch, Maurice Halbwachs, Eric Hobsbawm, Jörn Rüsen e outros.

Segundo Nildo Viana (2006, p. 08) “O conceito de memória ainda não adquiriu uma sistematicidade, nem mesmo na esfera da psicologia, a ciência que mais se dedica a essa temática”. Nessa direção, notamos, pela fala do autor e nosso interesse pessoal, que ainda há muito a se saber sobre o tema, por isso, a necessidade de compreender a importância do estudo da história oral, através da memória em sala de aula.

A memória, como objeto de estudo interdisciplinar, inicia-se com a Psicologia, na busca pela compreensão de como esta memória se constitui. Os psicólogos, a princípio, estudaram a maneira de preservar as lembranças e os efeitos que algumas perturbações tinham sobre a memória, dentre elas, a amnésia. Seguindo os estudos psicológicos, também a Psiquiatria passou a estudar o assunto.

Ademais, outras áreas do conhecimento passaram a utilizar a memória como ferramenta de estudo, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Educação, a Geografia e a “memória eletrônica”, amplamente utilizada nos dias atuais. Segundo Jacques Le Goff

Atualmente existem várias áreas dedicadas ao estudo da memória, a história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer "Eu vi, eu

senti". Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica (LE GOFF, 2003, p. 05).

Sendo assim, pelo estudo da memória, percebe-se as transformações sofridas a partir das sociedades essencialmente orais, as quais suas narrativas eram passadas de geração em geração, com intuito de manter a “tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho” (GAGNEBIN, 2006, p. 45). Segundo Jacques Le Goff, a memória tem um papel importante na conservação de informações do passado, podendo abordar a problemática referente ao tempo e à história, sendo que “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

O mesmo autor nos diz, ainda, que a memória é individual e psicológica, mas também está ligada à vida social e, tanto na memória individual quanto na coletiva há a apropriação do tempo quando o indivíduo narra suas vivências. Mesmo que essas lembranças venham deformadas e/ou modificadas, são essenciais no modo como vivemos no presente, pois estas reminiscências nos ajudam a determinar nossas decisões cotidianas, influenciando o presente ao reinterpretar o passado e direcionando decisões para um futuro próximo ou distante.

Diante desse contexto, o que vem a ser a memória? Como é discutida por diversos autores? Qual sua relevância no cotidiano? Isso é o que veremos na sequência.

“A memória [...] dirige a vida de cada um de nós”, como afirma Maria Inês Mancuso (s/d, s/p). A partir dessa assertiva, nota-se a importância da memória para a autora, pois ela a define como algo que não resume em lembrar ou esquecer, pelo contrário, a memória conduz nossa vida. É a capacidade de arquivar e recuperar experiências passadas, por meio de um armazenamento de lembranças, que podem ser recuperadas ou não - nem sempre é possível recuperar essas reminiscências - e, também, conduzir a forma de ação. Dessa maneira, é através das lembranças que tomamos ou deixamos de tomar decisões que são determinantes no modo de agir e viver no presente, ou seja, “o seu lembrar é ocupação, ele se ocupa do seu passado, da sua vida [...]. Pela memória, encontramos o passado no presente” (MANCUSO, s/d, s/p). Assim, no mesmo direcionamento, encontramos a teoria de Halbwachs (1990, p. 60), o qual explicita que “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”.

Essa ligação com o passado tem como efeito a transformação do presente, segundo preceitos de Gagnebin (2006), que dialoga com os autores já mencionados. O ato de lembrar muda a atitude no presente, e o agir é um processo em que o passado é interpretado à luz do presente, com expectativa para um futuro distante ou imediato, portanto, a memória conduz nossa vida, embora seja impossível registrar todos os momentos que vivenciamos.

Segundo Ecléa Bosi, “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 39). A autora enfatiza a impossibilidade de registramos tudo que nos acontece, pois nossa lembrança se faz seletiva, ou seja, registramos as memórias de fatos que tiveram mais importância. “Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito” (BOSI, 1994, p. 03) para registrar fatos que acontecem diariamente.

Para Jacy A. Seixas (2004, p. 47), “A memória é algo que ‘atravessa’, que ‘vence obstáculos’, que ‘emerge’, que irrompe: os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes”. Para ela, através da memória, o passado pode ser evocado e, a lembrança, ao ser rememorada, chega carregada de sentimentos que estavam “adormecidos”, alguns ruins, outros agradáveis. Nesse sentido, o sentimento, “muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, *reatualizado*” (SEIXAS, 2004, p. 49).

Portanto, “Os sentimentos são fundamentais para a ativação da memória” (VIANA, 2006, p. 09). Para esse autor, é a partir dos sentimentos que nossa memória é ativada, trazendo consigo as reminiscências que estavam “adormecidas”. Reminiscências essas que veem e vão, podendo ser evocadas, recordadas e, com elas, chegar ao passado, pois estão carregadas de sentimentos e sentidos, podendo ser a rememoração via tato, olfato, paladar, visão e audição. Por exemplo, ao sentirmos determinados cheiros, lembramo-nos de nossas avós, o gosto da comida, o do cheiro do chá, a disposição dos móveis na casa e outros, que nos fazem recordar essas “doces” lembranças.

Segundo Ricouer (2007), fazendo uma leitura de Sócrates “[...] aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem (*eidōlon*) está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não foi capaz de ser impresso, nos esquecemos (*epilelēsthai*), isto é, não sabemos” (RICOUER, 2007, p. 28). Esse memorizar ou não, Ricouer chama de “bloco de cera”, o que ficou “marcado” será lembrado, mas aquilo que não deixou marcas será, conseqüentemente, apagado, ou seja, com essa metáfora, surgem dois problemas, a memória e o esquecimento, sendo que esse último não será discutido, pois não é uma preocupação desse trabalho.

Enfim, o estudo da memória é complexo e ainda não há um consenso entre os estudiosos sobre a temática. Porém, procuramos entender como a memória interfere em nossa

vida diária, pois grande parte das decisões tomadas tem interferência das lembranças passadas, ou seja, de um lado, procuramos evitar ações que nos tragam lembranças ruins e, de outro, procuramos realizar ações que nos tragam boas lembranças. Entretanto, notamos que ainda há em saber sobre essas reminiscências e sua interferência em nossa vida cotidiana.

1.1. Um estudo sobre a memória individual e a memória coletiva

Será possível uma memória individual, aquela da qual apenas nós participamos? Alguns autores defendem que pode haver memória individual, mas que necessita de suporte de outras para lembrar determinados fatos.

Maurice Halbwachs (1990) analisou o papel da memória coletiva e as relações entre memória e espaço, em que a constituição das lembranças e a memória coletiva aparecem em oposição à memória individual. Em seu estudo, nota-se que elas podem interagir e se complementar, uma vez que “nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nós tivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Daí que a memória torna-se coletiva, quando os sujeitos, individualmente, passam a compreender determinados fatos e acontecimentos que somente ele presenciou; ao ser narrado, consolida-se no imaginário de quem o ouve, tornando coletivo, pois o indivíduo convive em sociedade.

Para Halbwachs, as lembranças mais difíceis de serem lembradas são os acontecimentos em que estivemos sós. As nossas lembranças serão melhores ancoradas com apoio de outros, aqueles que vivenciaram ou presenciaram determinado fato em que estivemos presente. Como enfatiza: “Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente em nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (HALBWACHS, 1990, p. 25), ou seja, para melhor lembrar, precisamos do apoio das memórias de outros. Embora, às vezes, relembramos fatos que o outro não se recorda, ou o contrário, o que acontece devido ao acontecimento ter sido mais significativo para uns e outros.

Paul Ricouer (2007) reafirma o pensamento de Halbwachs e lembra-nos de que as memórias mais bem ancoradas são aquelas pertencentes aos grupos, citando o exemplo da sala de aula da escola que é “um lugar privilegiado de deslocamento do ponto de vista da memória” (RICOUER, 2007, p. 131). Essas rememorações, segundo Ricouer, são atribuídas a

grupos em que os indivíduos necessitam desse referencial para evocar suas lembranças. “É desses que se guarda ou se forma memórias” (RICOUER, 2007, p. 13). Tendo isso em conta, observo, nas redes sociais, alunos e ex-alunos, o quanto as memórias tidas em sala de aula representam para eles. São momentos de estudos e, ao mesmo tempo, de relacionamentos, em que as lembranças são interligadas a partir daquele grupo; as memórias são construídas e reconstruídas, para, posteriormente, serem rememoradas. O indivíduo pertence à memória individual e coletiva, segundo Halbwachs, portanto, participaria de duas espécies de memórias: a de sua vida pessoal e outra ligada ao grupo ao qual pertence.

Em suma, acreditamos que a memória individual e a coletiva não são opostas, pelo contrário, elas interagem e se complementam. Enquanto professores de História, devemos ressaltar aos nossos alunos que ambas formam a nossa identidade, realçar que, ao participar dessas duas memórias, estamos, ao mesmo tempo, partilhando de nossas memórias individuais e coletiva, uma vez que ambas estão inseridas nos grupos aos quais pertencemos.

Outro ponto importante, segundo Halbwachs, é que a lembrança constituída dentro de um grupo pode ser reconstruída ou simulada, isto é, podemos criar representações do passado, apropriando-nos de percepções de outras pessoas, estabelecendo uma imaginação do acontecimento. A lembrança é a reconstrução do passado com a inserção de dados ou questões do presente ou, ainda, uma reconstrução feita em épocas anteriores, em que a imagem se altera e incorpora novos elementos. De acordo com o autor:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Assim, para esse estudioso, as vivências do presente influenciam a percepção do passado, embora as imagens desse passado tenham sofrido alterações nesse intervalo. Ademais, a memória não é, simplesmente, uma imaginação ou representação histórica que tenhamos construído e nos seja exterior, pois seu processo de passa por um referencial que é o sujeito.

Outro fator significativo é que a memória individual e a memória coletiva têm pontos de contato com a chamada memória histórica. Juntas, elas são socialmente negociadas. Para o autor, memória histórica é aquela compreendida como a sucessão de acontecimentos importantes na história de um país. Portanto, a partir da leitura da obra de Halbwachs, fica evidente a diferenciação entre memória e história.

A memória coletiva, segundo Halbwachs, confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um elo com o presente; ao contrário da história, que constitui um processo interessado, político e, portanto, manipulador. A memória coletiva sendo, sobretudo, oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas; a história é uma atividade da escrita, organizando e unificando numa totalidade sistematizada as diferenças e lacunas. Enfim, “a história começa seu percurso justamente no ponto onde se detém a memória coletiva” (SEIXAS, 2001, p. 40).

Em função dessa ligação, o uso da memória como fonte de pesquisa histórica é bastante difundido entre vários estudiosos, mas esse uso deve ser entendido e problematizado, pois os estudos sobre memória constituem um campo vasto e heterogêneo, o que leva a uma reflexão a respeito da fragilidade teórica da memória histórica. Segundo Jacy A. Seixas, “Em uma palavra, muito se fala e se pratica a ‘memória’ histórica - o boom atual da história oral e das biografias e autobiografias é, nesse sentido, bastante expressivo -, mas pouquíssimo se reflete sobre ela” (SEIXAS, 2001, p. 38).

Percebemos que algumas narrativas não seriam história, porém, através do trabalho do historiador, torna-se conhecimento histórico, pois é ele que, além da própria memória, ligada à memória dos depoentes, tece o conhecimento histórico nesse jogo do lembrar, relembrar, evocar, instigar e reviver, permitindo a volta ao passado, moldada na seguinte conjuntura: memória, história e conhecimento histórico. E o relembrar é indispensável quando o foco da pesquisa é a memória de um passado recente.

Seguindo as discussões acerca de memória e história, para Maurice Halbwachs (1990), ao mesmo tempo em que a uma ligação, há uma oposição entre a memória coletiva e a individual e, entre a memória coletiva e a história há uma oposição ainda maior. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é uma atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, sendo oral e afetiva; enquanto que a história é a ciência da escrita, classificada, organizada e unificada, e ensinada de acordo com fatos que se considera de maior importância, daí serem selecionados com o objetivo de valorizar acontecimentos, sendo manipuladora. E a memória é passível de manipulação, sendo que este ato pode ser intencional, porém, não prejudica o andamento da pesquisa.

Para Nora (1993), a memória e a história são opositoras e assim ele as classifica:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; [...] A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico.

A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta [...] A memória emerge de um grupo que ela une [...] A história, ao contrário pertence a todos e a ninguém. [...] A memória se enraíza no contrato, espaço, no gesto, na imagem e no objeto. A história só se liga nas continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas (NORA, 1993, p. 09).

Percebe-se, com o trecho acima, que Nora tece uma dicotomia entre memória e história, chegando à conclusão de que tudo que chamamos de memória já não o é mais, mas é história. Jacy A. Seixas critica Nora ao defender uma ideia de que a memória é prisioneira da história, tanto nos domínios do público quanto no íntimo. As lembranças foram se transformando em objeto e em trama da história, sendo um processo sem volta, restando apenas os lugares de memórias, com seu testemunho. “Esse movimento é inexorável e sem volta, toda memória hoje em dia é uma memória exilada, que busca refúgio na história” (SEIXAS, 2004, p. 41). Enfatiza, ainda, que a memória é a criação do passado, sendo ativada com o intuito de controle desse passado, principalmente no que se refere aos símbolos, relíquias, rituais, datas e outros.

Sendo assim, a memória é historicizada, para Nora; enquanto que, para Seixas, toda memória é história. Acreditamos que ambas estão interligadas, pois, ao lembrar, buscamos na memória algo vivido no passado que, muitas vezes, precisa ser evocado, e tudo acaba se tornando história, podendo ser reconstituído no presente.

Segundo Halbwach, a memória refere-se ao pensamento humano no decorrer do tempo, existindo muitas memórias coletivas, baseando-se nas semelhanças; enquanto a história é universal e baseia-se nas diferenças. Para o autor, memória e história não se confundem, já que “nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto qualquer outro e tanto quanto qualquer outro merece ser posto em destaque e transcrito” (1990, p. 106). Também para ele, o tempo é fator determinante:

A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança (HALBWACHS, 1990, p. 100-101).

Para evitar que esse passado caia no esquecimento, é necessário recorrer à escrita, em que a história precisa ser registrada para ser preservada, evitando que a memória se perca. Assim “Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, [...] então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e os pensamentos morrem”

(HALBWACHS, 1990, p. 101). Isso acontece quando a coletividade não tem mais suporte na memória, há a necessidade de recorrer à escrita da história.

1.2. Documentos como metodologia de pesquisa, ensino e aprendizagem

Nesta pesquisa, como já dito, atentaremos para o uso de documentos em sala de aula, por isso, a necessidade de falar sobre essa metodologia de ensino e aprendizagem, que vai além do conhecimento em sala de aula. O docente de História, com esse método, aproxima o trabalho do professor ao ofício do historiador, transformando os alunos em pesquisadores e produtores de saberes. Circe Bitencourt (2011) nos adverte de que os documentos têm diferentes finalidades para o historiador e para o professor. Para o primeiro, os documentos são a fonte principal para realizar seu trabalho, é a matéria-prima para sua pesquisa. Enquanto que, para o professor, as fontes históricas são utilizadas como material didático, ilustração, fonte de informação ou para introduzir o tema de estudo (BITENCOURT, 2011, p. 328-330). No entanto, discordamos da autora, pois as fontes históricas são métodos que levam os alunos a pensarem como viviam outras pessoas, em outros tempos, o que faz com que percebam as transformações e mudanças na forma de agir e viver do homem no decorrer do tempo e espaço.

Sabemos que todos os documentos foram produzidos por algum motivo: necessidade de registrar os feitos dos personagens de um contexto histórico, registrar a economia, a política, as memórias de um povo, de uma nação; ou aqueles com identificações pessoais, como o registro de nascimento, carteira de identidade, CPF e outros documentos indispensáveis aos indivíduos, que deixam registrado sua identificação pessoal; e dados que poderão servir de pesquisas ou mesmo para escrever sua história de vida, como fizemos⁵.

Nesse contexto, não há dúvidas de que o documento é um importante instrumento para levar o aluno a perceber que os fatos ocorridos no passado e os rastros deixados pela humanidade são fontes de estudo para o pesquisador e para os estudantes que irão realizar suas pesquisas com base em documentos pessoais e na fonte oral. Sob esse ponto de vista, “Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens

⁵ Não faremos uma discussão sobre a dimensão do documento histórico, devido ser muito extensa e não pretendemos entrar nela para não fugir do propósito do nosso trabalho.

naturais ou construídas tornam-se objetos de estudo” (BITTENCOURT, 2011, p. 169), portanto, documentos passíveis de análise.

Com isso,

A utilização de documentos numa perspectiva metodológica dialógica propicia o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem que tem como pressupostos a pesquisa, o debate, a formação do espírito crítico e incentivo. Isso implica dizer que professores e alunos podem estabelecer outras relações de saber histórico (GUIMARÃES, 2012, p. 325).

Ainda de acordo com a autora, além da produção do conhecimento, alunos e professores estão utilizando de fontes capazes de responder às questões propostas na pesquisa. “Enfim, vários são os pontos de partida que nos podem conduzir a um conjunto de testemunhos de época, possibilitando a exploração de temas significativos para a formação do aluno” (GUIMARÃES, 2012, p. 325). Assim como sua trajetória de vida, a trajetória humana deixa vestígios fundamentais para o trabalho dos historiadores e professores/pesquisadores.

Nesse sentido, atentaremos para o estudo do documento como metodologia desenvolvida em sala de aula. Pensado nessa perspectiva, segundo Bitencourt “para que um documento se transforme em material didático significativo e facilitador de compreensão de acontecimentos vividos por diferentes sujeitos em diferentes situações, é importante haver sensibilidade ao sentido que lhe conferimos enquanto *registro do passado*” (BITTENCOURT, 2011, p. 331). Os materiais são os mais variados possíveis: livros, revistas, quadros, músicas, filmes e fotografias. Os métodos empregados com tais documentos tornam a prática em sala de aula um ensino que sensibilize o aluno a participar da produção do conhecimento histórico.

Além dos materiais acima citados, escolhemos os projetos para fomentar a proposta de estudo, com uso de documentos de ordem pessoal. Esse é um trabalho feito em sala de aula de História uma seleção, averiguação de que a fonte responda às questões colocadas, entre outros pormenores. Ainda assim, nem sempre isso é possível, como podemos comprovar no trecho abaixo:

Os documentos de arquivos familiares são qualitativamente diferentes daqueles encontrados nos arquivos públicos. A falta de dados mínimos como data e local são características destas fontes. O uso escolar desse tipo de documentos requer um trabalho específico de coleta, seleção e organização que leve em consideração suas especificidades. Isto juntamente com uma metodologia que articule concepção de história, concepção de documento histórico e uma seleção de conteúdo adequada a esse trabalho (HORN/GERMINARI, 2011, p. 137).

Assim como o historiador que escolhe suas fontes, seleciona ou ignora os arquivos com os quais pretende realizar sua pesquisa, o professor desenvolve o mesmo trabalho. Ao

propor uma atividade, ele seleciona e direciona o aluno para que sua pesquisa seja realizada com êxito. “Seu papel consiste, fundamentalmente, em garantir aos alunos estratégias de como elaborar o conhecimento” (HORN/GERMINARI, 2011, p. 108). Assim, a documentação proposta por nós foi no sentido de compreender sobre as memórias de vida dos alunos e memórias afetivas da comunidade: cartas, fotografias, objetos pessoais, documentos pessoais, memórias dos próprios alunos e dos depoentes, enfim, direcionamos quais documentos seriam possíveis para realizar a pesquisa.

Obviamente, alguns alunos superaram nossa expectativa, como a aluna Sofia, que produziu seu memorial com muitos documentos guardados pela família: fotografias antigas, trocas de correspondências dos pais durante o namoro, cartões de vacinas e outras fontes que complementaram a reconstrução de sua história de vida.

são documentos que podem ser encontrados no interior das mais diversas residências, arquivados em gavetas, em caixa de papelão, esquecidas temporariamente em cima de armários. Encontram-se aí velhas fotos amareladas, certidões de nascimento, escrituras de terreno, agendas, cartas, bilhetes confidenciais, carteira de trabalho, entre outros (HORN/GERMINARI, 2011, p. 135).

Ainda de acordo com os autores, a vida privada também produz e deixa arquivados muitos documentos, os quais foram nosso objeto de estudo, como estratégia de levar o aluno a pensar além de si mesmo e de seu tempo.

Os documentos são de interesse pessoal ou social. Pessoal para lembrar, trazer boas lembranças (fotografias de nossos filhos quando crianças, por exemplo) ou lembranças tristes (como as lembrancinhas de missa de sétimo dia, para os católicos). Enfim, são muitos documentos arquivados que, de certa forma ou em um dado momento, podem tornar-se fonte de pesquisa e conhecimento. Já os arquivos sociais são guardados como obrigação, uma vez que precisamos deles, muito frequentemente, para “provar” determinadas situações: certidões de nascimento e de casamento, contas públicas como de água, energia elétrica e telefone, carteiras de trabalhos entre outros. Assim, há a necessidade de guardá-los ou tê-los próximos a nós. Dentre tantos documentos, selecionamos aqueles que seriam necessários à realização das atividades extraclasse, os quais tornaram o ponto de partida para o estudo das memórias, estrategicamente usadas em nossos projetos escolares.

Dentre essas estratégias e a fim de atingir o objetivo da pesquisa, seguimos o direcionamento de Bittencourt (2011) ao dizer que

O uso de documentos nas aulas de História justifica-se pelas contribuições que pode oferecer para o desenvolvimento do pensamento histórico. Uma

delas é facilitar a compreensão do processo de produção do conhecimento histórico pelo entendimento de que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares, fazem parte da memória social e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. [...] Outra exigência para o uso de fontes históricas é o cuidado para com diferentes linguagens (BITENCOURT, 2011, p. 333).

Nesse sentido, o documento foi nosso ponto de partida para levar o aluno a desenvolver o pensamento histórico nesses projetos. Como trabalhamos com história de vida e história local, nossas fontes foram escolhidas de modo que pudesse responder às questões colocadas na proposta dos projetos. Partimos das memórias dos alunos, analisadas a partir dos documentos pessoais, resgatando a memória da comunidade local, com intuito de compreender a função do documento, porque guardar alguns, por exemplo, e como estes são “conservadores” de memórias.

Nas apresentações dos memoriais observamos que os alunos que levaram objetos pessoais e uma quantidade maior de fotografias são aqueles que possuem certa estabilidade econômica. Embora saibamos que isso não é uma regra, foi o que observamos. Na verdade, qualquer pessoa está vulnerável a perder seus documentos ou qualquer outro tipo de registro memorialístico, logo, mesmo tendo algum poder aquisitivo maior, esses alunos poderiam não ter mais o material que apresentaram. Assim, podemos ter dois pensamentos diferentes das causas do não arquivamento dessas “memórias”: primeiro, pode não haver o interesse em guardar tais objetos; segundo, pode estar relacionado às questões financeiras: compra-se poucas roupas, por exemplo, e, se tem mais filhos, elas são reaproveitadas pelos irmãos mais novos, de modo que a vestimenta não pertence a um, mas a todos.

Nessa mesma direção, podemos focar os álbuns de famílias. Alguns alunos apresentaram álbuns de fotografias em ordem cronológica, com várias situações da vida em família e em sociedade; outros já possuíam poucas imagens fotográficas; e outros nem as possuíam, por vários motivos. Um dos alunos nos disse que em um temporal a casa molhou muito e junto com ela as fotografias de famílias se perderam.

Segundo Artières, “[...] arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento de sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício” (ARTIÈRES, 1998, p. 31). Essa era nossa intenção ao desenvolver os projetos nas escolas: buscar os documentos arquivados pertencentes aos alunos, já que, em consonância com Horn e Germinari (2011, p. 136), “os documentos em estado de arquivo familiar são registros que podem revelar parte da memória do indivíduo e da coletividade”. Com o uso dos documentos foi possível compreender como

as memórias estão, de certa forma, resguardadas e conservadas para que em um dado momento possam ser expressas com a oralidade, a escrita ou a imagem.

Acreditamos que ao inserir metodologias em sala de aula estamos estimulando o pensamento crítico dos alunos, introduzindo novos paradigmas que os levem a refletir acerca da construção do conhecimento histórico, pois é “a partir da práxis dos alunos que o professor identifica o conhecimento histórico que ele considera significativo. A preocupação dos professores é a de transformar a consciência histórica dos alunos como forma de transformar o modo como eles se entendem e agem no mundo” (SADDI, 2016, p. 118).

Enfim, o nosso objetivo, ao trabalhar o documento, foi fazer o aluno perceber que podemos aprender História de várias formas e como esse saber tem relação direta com sua vida prática. Sendo assim, o documento pessoal tornou-se, para nós, um instrumento de pesquisa, ensino e aprendizagem. E o aluno, ao fazer uso deste, pode reconstruir sua história de vida e as memórias de nossos entrevistados, logicamente, apoiando em outras fontes como a história oral, que será nossa próxima discussão.

O uso da história oral como metodologia ensino-aprendizagem e conjugada à história local e o cotidiano dos alunos fez-se necessário para que os alunos percebessem que sua história de vida está ligada à comunidade com a qual se relacionam. Logo, “A associação entre o cotidiano e história de vida dos alunos possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual a uma história coletiva” (BITTENCOURT, 2011, p. 165). Assim, como Selva Guimarães, acreditamos que “ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, a meu ver, fundamental para que os sujeitos possam situar, compreender e intervir no meio em que vivem como cidadãos críticos” (GUIMARÃES, 2012, p. 240).

No trabalho com a história local e o cotidiano, a memória através da fonte oral possibilitou a produção do conhecimento e fez com que os alunos percebessem que, ao colher depoimentos de familiares, os entrevistados estavam trabalhando a memória e, através desta, narrando a história de vida do aluno. Isso foi feito no projeto *História da Minha Vida*. No caso do projeto *Memórias e Imagens de Casamento*, essa metodologia possibilitou conhecer a história das relações amorosas e casamentos, dadas pelos entrevistados, formando a memória coletiva.

Com a produção de fontes históricas de indivíduos da comunidade, os alunos passam a reconhecer-se como agentes históricos, produtores e transmissores de conhecimento sobre “histórias que não tiveram acesso à História” (SCHMIDT, GARCIA, 2005, p. 299). Assim

sendo, “a questão da memória impõe-se por ser a base de identidade, e é pela memória que se chega à história local” (BITTENCOURT, 2011, p. 169).

Como já dito, estamos discutindo a história oral como metodologia de pesquisa, ensino e aprendizagem, por meio dos relatos de experiência, desenvolvidos com projetos escolares. Dessa forma, apontamos para a possibilidade do uso da memória na produção do conhecimento através de entrevistas que permitiram “ao aluno apropriar do conhecimento de forma ativa e articulada com o mundo natural e social” (SCHMIDT, GARCIA, 2005, p. 298).

Além disso, o trabalho com a história oral possibilitou aos estudantes perceberem que sua vida acontece em sociedade, que eles não vivem isolados, mas sim relacionando-se com o outro, “assim, é possível, por meio da história oral, aprender e ensinar a ler o mundo e a escrever nossa própria história. Não apenas somos sujeitos da história, mas também do conhecimento: participamos da escrita e das múltiplas leituras da História!” (GUIMARÃES, 2012, p. 350), isto é, da construção da história enquanto ciência. Daí que o uso da história oral como metodologia é importante quando o objetivo é levar os nossos alunos a pensarem historicamente, aprenderem sobre as memórias de sua própria história e da comunidade local, tornando-os conscientes de seu papel como sujeitos históricos.

A história oral surgiu em meados do século XX, com o uso da entrevista como método de estudo para grupos. Até então, ela estava excluída da História. Mais especificamente

O conceito da história oral contemporânea desenvolveu-se na América do Norte, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, e foi auxiliado pelo apreço aos depoimentos de vítimas de guerra nas rádios que substituíam pouco a pouco a exclusividade dos grandes nomes da história por grupos, até então, excluídos historicamente (NAKAMURA/GRIPA, 2010, p. 81).

No Brasil,

a história oral foi introduzida na década de 70 com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e História Contemporânea do Brasil (CPDOC), mas apenas no início dos anos 90 se expandiu com a multiplicação de seminários e a incorporação, em programas de pós-graduação em história, de cursos voltados para a discussão da história oral (NAKAMURA/GRIPA, 2010, p.81).

A partir de então, a história oral torna-se fonte documental, difundida na pesquisa científica e matéria de ensino em várias disciplinas. Para tanto, usa-se a entrevista ou o depoimento quando o que se quer pesquisar é o passado registrado na memória. Ambas as metodologias foram utilizadas por nós, haja vista que alguns preferiram relatar suas histórias e outros, como Ariane, escrever sua trajetória amorosa, sem o uso da entrevista. O uso das

entrevistas foi necessário, uma vez que o objetivo do projeto foi estudar a memória dos depoentes.

A história oral, sendo interdisciplinar, é uma ferramenta para facilitar o estudo em sala de aula, juntamente com outras áreas do saber, promovendo o conhecimento. Discutimos, por exemplo, a evolução da arte da fotografia e sua importância na perpetuação da memória, já que é fundamental na complementação pedagógica e nos projetos desenvolvidos por nós. Pesquisamos e analisamos como as imagens fotográficas sofreram mudanças ao longo do período proposto no estudo.

O trabalho com projetos contribuiu para que os alunos percebessem sua realidade. Trabalhamos com fontes primárias, o que pôde fornecer informações cruciais sobre o passado da comunidade. Para a disciplina de História, foi uma oportunidade de levar os alunos a pensarem criticamente, já que os meios dispensados a essa área do conhecimento são múltiplos, sendo que a disciplina proporciona

[...] o conhecimento da realidade em que se vive – situar-se conscientemente no mundo e, ao mesmo tempo, conhecer criticamente a herança pessoal e colectiva – e estimule a valorização do patrimônio histórico, entendido como todo vestígio passado (e não apenas as obras e monumentos eruditos) ligada à vida quotidiana de cada comunidade (GAGO, 2009, p. 285).

Segundo nos diz a autora, conhecer os modos de vida individual e na coletividade torna-se uma necessidade. A partir disso, tomemos a escrita como uma aliada a esse conhecimento e teremos um auxílio na busca dos fatos passados. Segundo Freire (apud GUIMARÃES, 2012, p. 349-350), com uso da escrita, as possibilidades de método de ensino por meio da história oral complementa o saber, pois

a oralidade precede a grafia, mas traz em si desde o primeiro momento em que os seres humanos se tornaram socialmente capazes de ir exprimindo-se através de símbolos que diziam algo de seus sonhos, de seus medos, de sua experiência social, de suas esperanças, de suas práticas. Quando aprendemos a ler, o fazemos sobre a escrita de alguém que aprendeu antes a ler e a escrever. Ao aprender a ler, nos preparamos para imediatamente escrever a fala que socialmente construímos.

A teoria vai ainda mais além ao mencionar que a metodologia de investigação com uso da “história oral lança a vida para dentro da própria História, o que contribui para compreendê-la como algo construído por pessoas de diferentes tempos e espaços, distanciando-se da concepção métrica e fragmentária” (GUIMARÃES, 2012, p. 347).

Para tanto, ao discutir o trabalho, precisa-se de um conhecimento prévio do assunto estudado, pois a história oral está inserida em uma problemática daquilo que se almeja

estudar, ou seja, não é aleatória. Há a necessidade de uma boa fundamentação teórica sobre da temática, para que haja maior conhecimento do tema proposto.

Sendo assim, a disciplina de História, discutindo a história oral, possibilita a abordagem da memória como método de trabalho, pois destaca as contribuições individuais de pessoas comuns para determinados eventos e como elas elaboram suas práticas pessoais e experiências individuais como produtores da história de seu tempo. Conforme apontou Thompson (2002), a história oral provocou a democratização da história na medida em que alguns grupos conseguiram, a partir de seu uso, apresentar suas versões sobre o passado. E assim, desperta no aluno o interesse pela memória, a narrativa e a concepção do que é ser ativo na construção histórica.

Com isso, dizemos que a história está ligada à memória, cabendo ao historiador o interesse no processo da lembrança, ou seja, nas relações entre memória e identidade, entrevistador e entrevistado, pois essa relação envolve o historiador tanto na elaboração do seu documento quanto na construção da história. Em nosso caso, vai além o desafio de levar essas memórias à sala de aula, como meio de despertar o interesse pela história oral.

Pensamos que através desse tipo de fonte se adquire maior conhecimento e aprofunda o estudo, haja vista que a história oral, ao ser utilizada em pesquisas históricas, pode iluminar aspectos e acontecimentos que nem sempre percebemos em outras fontes. Verena Alberti destaca que a História oral pode trazer contribuição interessante, mas alerta “ao fato de não poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade” (ALBERTI, 2009, p. 166). Por outro lado, acreditamos que, ao narrar, o depoente traz consigo a experiência do passado, para ser, então, transformada em pesquisa e aprendizado.

Portanto, a fonte oral é um instrumento para o historiador, quando se quer realizar estudos de determinados temas, como ao observar comportamentos de uma sociedade, o que se transformou no decorrer do tempo, sua forma de agir, de pensar e a vivência de determinados grupos através das narrativas, enriquecendo tanto a produção historiográfica quanto a prática de ensino nas salas de aula.

Também sobre o viés metodológico para a efetivação dos projetos trabalhados em sala, usamos a fotografia, considerada fonte de dados para trabalhar com a memória. A fotografia pode ser método para a formação do conhecimento dos alunos, pois, além de ter um caráter ilustrativo, tem uma linguagem presente na sua vida diária. Ao retratar a realidade, o cotidiano, acontecimentos históricos e outros, a imagem fotográfica tem-se tornado um elemento indispensável na produção do conhecimento. Além disso, é muito presente na vida dos alunos que procuram retratar as mais variadas situações, que vão desde sua vida pessoal e

em família até os grupos com os quais interagem social e virtualmente. Com isso, torna-se uma importante aliada em sala de aula, na produção do conhecimento. Através da fotografia é possível fazer leituras que vão além do que a imagem retrata.

A fotografia, segundo Kossoy (2001, p. 25), surgiu no século XIX, durante a Revolução Industrial, e se tornou uma importante fonte de informação e conhecimento. Ao realizar trabalhos com uso de fotografias, deve-se tomar alguns cuidados, como com qualquer outra fonte, pois a imagem representada pode ter sido enquadrada a partir dos interesses do autor. Portanto, ela pode ser ambígua, como qualquer outra fonte histórica. Porém,

[...] seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada de registro (KOSSOY, 2002, p. 22).

Segundo o autor, a fotografia pode ter diversas intenções, o que permite seu registro no tempo e no espaço como meio de deixar registradas as memórias históricas. Porém, a imagem fotográfica precisa dialogar com outras fontes e ser contextualizada para compreender os interesses, as ideias, e as memórias que se pretende construir ou registrar.

No desenvolvimento de nossos projetos, a fotografia teve papel importante, pois trabalhamos com imagens de arquivos familiares. Esses registros foram de ordem pessoal, sendo imagens de casamento e álbuns dos alunos, que guardaram as fotografias como recordações pessoais. Nesse sentido, a imagem fotográfica forneceu-nos informações de que precisávamos para complementar a pesquisa.

Alertamos aos nossos alunos que as imagens utilizadas por eles, sendo pessoais, apresentavam desafios, por exemplo, nas imagens de casamento, deveriam observar como a sociedade da época se portava e como se vestiam, portanto, foi preciso que lessem “entre linhas” essas imagens representadas. Esse trabalho possibilitou que os alunos chegassem mais próximos de suas memórias, tanto individual como coletiva, tendo em vista que a imagem fotográfica permite o registro da memória no instante em que captura a imagem, ficando “parada” no tempo. Assim,

O desenvolvimento dos processos fotográficos foi motivado pelo desejo de obter uma imagem permanente, um registro que guardasse com sucesso um fragmento de tempo, um acontecimento ou feição familiar. Fotografa-se para reter a realidade, uma parte do passado, como se fosse possível reter o tempo e denegar a morte. (NAKAMURA/GRIPA, 2010, p. 88).

Nos dizeres de Nakamura e Grippa (2010, p. 88), a fotografia é “[...] uma representação plástica, ou seja, forma de expressão visual indivisível incorporada ao seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializaram”, o que Kossoy (2001, p. 40) chama de “objeto-imagem”, um artefato que detecta as características da época em que foi produzido. No projeto *Memórias e Imagens de Casamentos*, trabalhamos de perto com esse objeto-imagem para perceber e estudar o registro da memória de momentos de união entre jovens, fazendo com que os entrevistados recorressem a essa fonte para relembrar vestimentas da época em que a imagem foi produzida, assim, podemos observar as características dos vestuários nas fotografias. Portanto, “A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida retirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem” (Ibidem, p. 88).

Ao trabalhar com a fonte fotográfica é preciso estar alerta para as dificuldades desse método, porque podemos ter diferentes olhares acerca das imagens e, assim, uma visão pessoal ao fazer a leitura. Sendo assim, nossa interpretação nem sempre é a mesma que o autor queria retratar. Embora seja uma imagem estática, não pode ser considerada retrato fiel de acontecimentos e/ou fatos, porque é apenas um recorte.

Em pesquisas de história oral, as fotografias têm sido utilizadas de dois modos diferentes. Leite (apud, 1993, p. 148) aponta que podem ser usadas como um meio de reavivar a memória dos sujeitos de quem se solicita a história de vida ou como testes projetivos, técnica desenvolvida na psicologia, fazendo que as mesmas fotografias desencadeiem lembranças e associações diferentes nos vários sujeitos da pesquisa (NAKAMURA/GRIPA, 2010, P. 92).

Com isso, “toda fotografia representa uma interrupção do tempo, e, portanto, da vida – um fragmento selecionado do real a partir do instante em que foi registrado [...] é o aspecto da captura do tempo ou da preservação da memória” (Ibidem). A fotografia, na vertente de nosso estudo, aliada à memória desses instantes que ficaram registrados nas lembranças dessas pessoas, foi a fonte indispensável para perceber as mudanças e as permanências nas tradições dos casamentos. Sem a imagem fotográfica, os alunos teriam dificuldades em relembrar detalhes dessas vestimentas e, principalmente, de rememorar para a posteridade e, agora, fonte de estudos.

Tratando de fotografias, elas sofreram mudanças ao longo do tempo: se anteriormente, como vimos nas primeiras décadas do século XX, não era acessíveis a todas as pessoas, era revelada, para que pudesse servir de lembrança. Atualmente, embora haja o uso

constante de fotografar, com os mais variados objetivos, desde a vida cotidiana, pessoas acidentadas, paisagens, etc., não há preocupação em revelar tais imagens, guardando-as em arquivos de computadores, pen-drive, nas redes da internet, etc. Assim como antigamente, em que algum imprevisto poderia levar a perder todas as fotografias, como molhar, ou outro, hoje perde-se imagens registradas: acidentalmente ao excluir fotos, arquivos danificados, e outros. Ademais, atualmente as lembranças estão “arquivadas” em máquinas em que não são todas as pessoas que têm acesso, ficando sem essas lembranças.

Assim é de fundamental importância que tenhamos cuidados ao guardar as fotografias. Em especial, as fotografias de memórias da vida em família: pois as fotografias contidas nos álbuns de família, tem um papel importante de passar aos componentes mais jovens do grupo familiar, os valores, a história, as memórias, a afetividade contidas nessas imagens fotográficas servindo de fonte de informação, sendo, portanto, memória viva.

Enfim, o trabalho com fotografias teve como objetivo levar os alunos a pensarem sobre o tempo histórico, os aspectos sociais e a cultura de um povo, além de trabalhar as diversas realidades e contextos sociais aos quais os entrevistados estavam inseridos, com a visualização das imagens na produção do conhecimento no ensino de História, em que essa disciplina possibilita o uso de diversos recursos, como se observa nas discussões a seguir.

1.3. História e métodos de ensino e aprendizagem

Discutir o uso de recursos didáticos em sala de aula, especialmente no ensino de História, leva-nos a pensar em novos desafios que estimulem a atenção dos alunos e a busca pela preservação do passado. A disciplina de História e o professor precisam fazer com que o aluno compreenda a necessidade de preservar a sua identidade e dos grupos com os quais convive. O docente deve levá-lo a pensar que as ações do presente sofrem a interferência do passado e uma expectativa para o futuro, muitas vezes, ignora suas reminiscências e os fatos históricos, como algo que passou e não terá nenhum efeito no presente.

Carlos Augusto Lima Ferreira (2009) comenta ainda que a nossa sociedade sofre modificações constantes. Sendo assim, a escola, especialmente o ensino de História, deve acompanhar essas modificações e “Para isto deve incorporar os temas e as inovações tecnológicas com o que os alunos já lidam no seu cotidiano” (FERREIRA, 2009, p. 144), como as câmeras fotográficas e os computadores. O autor ainda alerta que é “[...] um desafio muito grande ensinar alunos que têm contato cada vez maior com os meios de comunicação e

sofrem a influência da televisão, rádio, jornal, vídeo games, fax, computador, redes de informações e etc” (FERREIRA, 2009, p. 144).

E como fazer isso? Para esse autor, a escola e o professor devem despertar o interesse dos alunos em aprender e estimulá-los a desenvolver seu raciocínio. Schimdt e Cainelli (2004) argumentam ainda que “um dos objetivos do ensino de História consiste em fazer o aluno ver-se como partícipe do processo histórico” (SCHIMDT/CAINELLI, p. 126). De acordo com a temática, mostrar ao aluno que tanto fatos de relevância mundial quanto a história local são construídos com personagens do cotidiano, ou seja, não somente pelos governos e pela elite, mas por todos que convivem no dia a dia.

Rüsen (2010) enfatiza que a “didática” indica que a função prática do conhecimento produz efeitos nos processos de aprendizagem. E continua: “tratava-se de ensinar e aprender a história, de saber como escrevê-la a fim de que seus destinatários aprendessem alguma coisa para a vida” (RÜSEN, 2010, p. 88). Esse autor declara ainda que o passado, no modo de agir e no sentido de pensamento histórico, deve ser considerado no ambiente e, para isso, apresentado com as narrativas dos alunos, sairia do âmbito escolar, disseminando-se por toda a sociedade. Com isso, a didática histórica se aproxima de uma ciência social histórica.

O conhecimento histórico atua de modo ativo quando Rüsen nos diz que “[...] O ensino de história em sala de aula é uma função de aprendizado histórico das crianças e jovens. [...]. O aprendizado da história transforma a consciência histórica em tema da didática da história” (RÜSEN, 2010, p. 91).

Para Schimdt e Cainelli, os alunos necessitam entender que “O trabalho com fonte oral diz respeito, sobretudo, a uma metodologia de pesquisa que se baseia em fontes orais [e] que se dividem em histórias orais de vida, ou relatos orais de vida, e depoimentos orais”. (SCHIMDT/CAINELLI, 2009, p. 126). Discutir os depoimentos orais, nessa perspectiva, foi o que fizemos em nossa proposta com os alunos em sala. Assim, eles foram levados a entender a fonte oral como “próprios para a obtenção de dados informativos e factuais, bem como testemunho de entrevistados sobre determinadas situações vivenciadas por estes” (SCHIMDT/CAINELLI, 2009, p. 126). As autoras destacam, também, que o professor/pesquisador deve orientar entrevistas para maior esclarecimento sobre os fatos, e que as entrevistas podem ser feitas com uso de novas tecnologias, as quais eles dominam muito bem.

Vale mencionar que ouvir os depoimentos dos sujeitos da comunidade da Firmeza, disposta a recordar fatos de suas vidas, possibilitou o resgate da memória através da

oralidade. Deve-se, para tanto, incentivar o trabalho com fonte oral em sala de aula como metodologia ensino-aprendizagem.

2. ENSINO DE HISTÓRIA COM METODOLOGIA DE PROJETOS: O USO DE DOCUMENTOS E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAR HISTORICAMENTE

Em sua vida em sociedade, os sujeitos têm que se orientar historicamente, têm que formar sua identidade para viver – melhor: para poder agir intencionalmente. Esse é o interesse de qualquer pensamento histórico.

Jörn Rüsen

Como abordagem do segundo capítulo, discutiremos a prática dos projetos em sala de aula, cuja perspectiva é o estudo de documentos, dentre eles: história oral, entrevistas, fotografia e documentos pessoais. A abordagem da história oral, como uma das metodologias de pesquisa, possibilitou o estudo de aspectos nem sempre perceptíveis em outras fontes, valorizando a tradição oral, bem como a preservação da memória, em suas experiências individuais e coletivas, nas quais os alunos estão inseridos.

Outro objetivo dos projetos foi levar os alunos a raciocinar historicamente, como proposto por Rüsen sendo que a memória, para o autor é gerador de pensamento nas vivências da história, pois “o pensamento histórico encontra suas origens nas práticas culturais sempre renovada da lembrança coletiva no contexto de sua vida presente” (2001a, p. 19). Segundo Marlene Cainelli, pensar historicamente é “a capacidade de pensar além de si mesmo e de seu tempo. Compreender que existem relações entre a sua história individual e a História” (CAINELLI, 2009, p. 126 - 127). E as atividades das pesquisas foram direcionadas com esse sentido, o pensar sobre a História.

Diante disso, apresentaremos duas experiências pedagógicas: primeiramente, o projeto *História da Minha Vida*, desenvolvido com as turmas do 6º ano, no Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro; e na Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Francelino Nunes de Paula. Em seguida, discutiremos o projeto *Memórias e Imagens de Casamento*, trabalhado com alunos do 8º ano, no Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, com estudo da história local. Essas metodologias de ensino e aprendizagem também podem ser pensadas como ação pedagógica para que outros profissionais da educação possam desenvolver com estudantes do Ensino Fundamental, na disciplina de História e outras áreas da educação.

Os projetos possibilitaram a compreensão de novas fontes e linguagens no ensino de História, visando um estudo que vai além da sala de aula e perpassa história de vida e da comunidade local, com intuito de preservar a memória e compreender o cotidiano desses sujeitos. Ademais, não podemos perder o foco de que, com a atividade, desenvolvemos o pensamento histórico. Cainelli (2009, p. 135) encerra o seu estudo com a questão a seguir: “quando as crianças começam a pensar historicamente?”. Faremos o oposto, iniciaremos nossa discussão com o mesmo questionamento. Em nosso entendimento, elas percebem isso quando reconhecem diferenças entre as temporalidades, quando formam opinião sobre determinado assunto, tendo como referências as fontes históricas. Então é de fundamental importância que os professores utilizem dessas fontes históricas para levar os alunos a pensar historicamente.

2.1. Projetos escolares como metodologia para preservar a memória e o desenvolvimento do pensamento histórico

O objetivo deste tópico é relatar dois projetos desenvolvidos por mim, e já citados no decorrer do texto, com as turmas do 6º ano, 1º Semestre EJA e 8º ano nas escolas em que sou professora regente da disciplina História, enfatizando que são turmas únicas. Os métodos foram desenvolvidos com o objetivo de sensibilizar os alunos a preservarem as memórias individuais e coletivas da comunidade nas quais estão inseridos, mostrar a importância do estudo da memória no cotidiano da produção do conhecimento em sala de aula, o uso das fontes documentais utilizadas na pesquisa e enfatizar que sua história de vida está ligada à história geral, ou seja, que ele também é construtor da história da humanidade, reforçando seu papel ativo enquanto agente histórico.

Diante disso, o projeto escolar é um importante aliado na busca do conhecimento, permitindo que o aluno perceba que pode ser produtor e difusor de saberes, capaz de desenvolver uma pesquisa trabalhando com documentos. Segundo Fonseca (2003), a palavra projeto vem do latim e significa *projectus*, cuja significação é “lançar para frente”. De acordo com Barbier (apud GUIMARÃES, 2012, 177-178), “O projeto não é uma representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma ideia; é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar o real, uma ideia a transformar em acto”. Portanto, ao utilizarmos o projeto escolar, sabemos que o foco é a construção do conhecimento de um determinado tema, com o qual devemos trabalhar. Esse tema surge da necessidade de atender, de buscar conhecer algo que até então não se sabe, ou sabe-se pouco.

São várias etapas que compõem a organização, a construção e a realização do projeto. Essas etapas devem ser trabalhadas com o objetivo de que a pedagogia de projetos possa surtir o resultado esperado, conforme proposto por Guimarães (2012). Em específico, nosso projeto constituiu-se em três fases: a primeira, o momento da teoria, formulação, organização, planejamento, discussões, grupos selecionados; a segunda corresponde à prática, quando as aulas e atividades foram voltadas para o resultado que pretende alcançar; por último, a apresentação dos resultados, a socialização do conhecimento.

De acordo com a ideia das sequências do projeto no processo da construção do conhecimento, percebemos em nosso trabalho uma grande quantidade de indivíduos envolvida em sua construção e realização: professores (professor organizador e colegas), alunos, funcionários do administrativo, direção - que não media esforços para a efetivação dos projetos escolares - e, no nosso caso, também, os transportadores escolares, a família e a comunidade, que direta e indiretamente, são atores na construção do conhecimento.

Além do envolvimento das pessoas, as demais fontes são de fundamental importância na construção do conhecimento, tanto no nosso projeto quanto em outros. E essas fontes precisam responder às questões colocadas. Sobre essa questão do uso de fontes diversas, vale mencionar que pode ser incorporada uma ou mais em cada projeto, tantas quantas forem possíveis ou necessárias para a realização efetiva da pesquisa.

Para tanto, o estudo da história oral e outras fontes visaram levar os alunos a pensarem historicamente, “considerando que pensar historicamente não é algo dado, mas aprendido, e que essa forma de pensar comporta inúmeras operações cognitivas e afetivas” (SIMAN, 2005, p. 139). Segundo a autora, o pensamento histórico não é algo que o sujeito possui, mas que precisa ser aprendido. Para isso, o professor e o ensino de História necessitam criar métodos que leve o aluno a pensar historicamente. Refletindo com a autora, se o pensar historicamente precisa ser trabalhado com alunos, é porque o

seu desenvolvimento e aquisição se dão ao longo do próprio desenvolvimento cognitivo dos sujeitos [e a partir disso] o indivíduo internaliza formas culturalmente dadas de comportamento, num processo em que atividades externas, funções interpessoais, transformam-se em atividades internas, intrapessoais (SIMAN, 2005, p. 124).

Nessa perspectiva, observamos que alguns alunos iniciaram o desenvolvimento do pensamento histórico no momento em que conseguiram relacionar o tempo vivido com o passado de seus antepassados e as afetividades presentes em suas narrativas. Segundo Cainelli (2009, p. 135), o pensamento histórico pode ser desenvolvido com o trabalho das fontes

históricas “sejam elas objetos da cultura material, fontes escritas [...] memórias dos sujeitos”, portanto, sendo fundamental para construir o conhecimento e desenvolver o pensamento histórico. Os projetos aqui desenvolvidos e relatados foram nesse sentido, haja vista, também, a importância de “mencionar o papel do professor na formação do pensamento histórico, a escolha das fontes, a abordagem do conteúdo, o conhecimento da historiografia” (CAINELLI, 2009, p. 134) e, ainda, segundo a autora, esses elementos são essenciais para os alunos compreenderem sobre a organização e compreensão na construção da História.

No trabalho com os projetos e/ou para aqueles que fazem uso dessa metodologia, um aspecto a ser analisado e observado é se a expectativa alcançou o resultado esperado, tendo em vista que o professor “como moderador, mediador e incentivador do processo deve somar e articular os seus objetivos aos dos alunos, procurando alcança-los na medida que trabalha em direção à meta que a turma deseja alcançar” (GUIMARÃES, 2012, p. 180-181). Em relação aos alunos, observar que “os saberes construídos pelos alunos em diferentes espaços e por diversos meios, as expectativas de aprendizagem, também constituem uma base para orientar o trabalho do professor” (GUIMARÃES, 2012, p. 181). Em nosso projeto, percebemos que os resultados superaram a expectativa. Nas atividades desenvolvidas pelos alunos, observamos que foram capazes de realiza-las com empenho, trazendo novos conhecimentos para a sala de aula: “por isso o projeto é uma possibilidade de reconciliação das relações entre os sujeitos, os saberes e as práticas” (GUIMARÃES, 2012, p. 183).

Essa ação pedagógica trouxe-nos novos saberes e um estímulo a continuar trabalhando essa metodologia. Como já dissemos, o projeto é um dos métodos com os quais trabalhamos para desenvolver o pensamento histórico. Nesse sentido, como professora de História, ao utilizar diversas fontes, possibilitamos um conhecimento mais amplo e uma troca de saberes, complementando o processo de ensino e aprendizagem. É o que observamos na fala a seguir:

Por isso, o trabalho do professor se define como mediador entre aluno e o conhecimento histórico. Ele não só promove o diálogo com o conhecimento já sistematizado oficialmente, mas também com as memórias, com as vivências dos alunos. Essa é a matéria-prima da história ensinada e é disso que o professor/historiador edifica seu trabalho [...] [como] mediador entre aluno e conhecimento histórico através da documentação histórica (HORN/GERMINARI, 2011, p. 106).

Segundo os autores, é preciso partir da experiência do aluno que trabalha o cotidiano das pessoas, “as festas familiares, as festas coletivas, as memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais” (HORN/GERMINARI, 2011, p. 125). Assim, ao inserirmos diversas fontes e métodos, em nosso caso, queremos mencionar os projetos, possibilitando

que os alunos se reconheçam enquanto sujeitos atuantes na História e participantes do processo de ensinar e aprender, para dar sentido a sua própria existência. A intenção é de tornar a sala de aula um local em que se socializa e mostrar que o aprendizado é mútuo, os saberes são construídos com o intuito de rememorar as experiências de pessoas comuns. Esses métodos servem para o aluno perceber que o conhecimento histórico está “ao alcance de suas mãos”, e não é algo distante no tempo e espaço. Para isso, é preciso

Uma nova perspectiva para o ensino de História não pode ficar limitada a uma concepção de história que apenas destaque os segmentos dominantes da sociedade [...] onde as classes populares sejam também inseridas em suas análises. Um ensino de História mais próximo da realidade da grande maioria dos alunos brasileiros (HORN/GERMINARI, 2011, p. 124).

Sendo assim, os projetos vieram para fomentar essas discussões de que o ensino de História está voltado, também, para as classes populares, democratiza um processo em que os alunos reconheçam seu papel enquanto ser social, participante do processo histórico.

Em suma, a metodologia de projetos, através da história oral e outras fontes, possibilita levar os alunos a pensar historicamente, tendo consciência de sua participação na História da humanidade, em suas atividades cotidianas. E o mais importante para um bom trabalho é que os alunos compreendam e correspondam às expectativas esperadas ao encerrar o projeto, com um olhar crítico acerca do assunto desenvolvido.

2.2. Aplicação dos projetos e o uso de fontes/documentos no ensino de História

Nesta sessão, apresentaremos de forma mais específica os projetos desenvolvidos.

A temática do projeto intitulado *História da Minha Vida* foi planejada para ser trabalhada com a turma única de 6º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, no meio rural, e 1º Semestre do 2º Segmento da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Guilhermina Pereira de Freitas, na cidade, no ano de 2010. O tempo previsto para execução do projeto foi o da duração de 15 horas aulas.

O tema justificava-se pela necessidade de compreender a importância e a necessidade de discutir o documento, complementando o estudo das fontes documentais, do conteúdo programático do livro didático e da história oral como fonte de conhecimento. A temática, segundo Guimarães (2012), é o momento-chave, o que a autora chama de “detonador do projeto”. “Aqui é fundamental a ação mediadora do professor, tendo em vista a importância das questões para o grupo de alunos e para a proposta curricular da escola” (p. 179). Ainda de

acordo com Guimarães, o tema deve despertar interesse nos estudantes, porém, o professor deve selecionar e propor temas, atendendo às necessidades que a escola e/ou o currículo pretende alcançar no processo de ensinar e aprender (p. 179).

O trabalho com o projeto serviu para analisar a capacidade dos alunos em entender a função da documentação como fonte de pesquisa, dentre eles, a importância da história oral; além de refletir sobre a produção de documentos no ensino de História, a partir de investigações sobre a história de vida dos alunos e os métodos que levam à valorização da memória para esses sujeitos, levando-os a perceberem que sua identidade é formada com o convívio em família, com a comunidade e demais grupos com os quais se relaciona, e que esse sujeito é um ser ativo, construtor da história.

Nesse sentido, nossa pesquisa mostrou-se muito produtiva, tanto para os alunos quanto para mim enquanto professora. Pesquisando, registrando e analisando sobre sua história, os estudantes perceberam que, na produção do conhecimento, as fontes de investigação são abundantes e quanto mais informação melhor será seu produto final. Eu, enquanto mediadora de conhecimento, percebi que foi muito importante estender o conhecimento para além da sala de aula e compreender até que ponto os alunos percebem-se como agentes históricos. Nesse ponto percebemos que não há limites para o conhecimento, estamos aprendendo e ensinando em todas as atividades que propomos realizar.

A história oral, que serve da memória para ser explicitada, como metodologia de ensino e aprendizagem, fez-nos perceber que as experiências do passado podem vir carregadas de afetos. No dizer de Bosi (1994, p. 55): “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”, ou seja, ocorre a interferência do presente no lembrar. Sendo assim, pode ocorrer, como ocorreu, diversos sentimentos no ato de apresentar o memorial: tristeza, alegria, euforia entre outros sentimentos.

Planejar e executar o projeto foi uma forma de analisar até que ponto os alunos poderiam perceber que a documentação pessoal como documentos históricos, isto é, produzida para uma determinada finalidade, ou seja, perceber que os arquivos guardados são fontes para o estudo ou, simplesmente, guardados como recordações, servindo de fonte para chegar ao conhecimento de uma determinada temática⁶.

O projeto visou levar os alunos a compreenderem as maneiras como o historiador produz suas fontes, e entender que o estudante e o professor, também, podem se tornar

⁶ Importante destacar que, nem todos os documentos, são guardados. Dependendo do documento, este poderá ser descartado, não havendo, portanto, o interesse em arquivar.

pesquisadores. Em relação à história de vida, deveriam realizar a pesquisa por meio de entrevistas com membros da família e em documentos pessoais, compreendendo-se como agentes históricos e produtores de saberes.

O professor ao se utilizar da fonte histórica não a utiliza como os historiadores na academia, mas com o objetivo de levar o aluno a perceber como se constitui a história, como os conteúdos históricos se contextualizam com essa fonte. A fonte torna-se então, uma ferramenta psicopedagógica que poderá certamente auxiliar o professor na difícil tarefa de estimulação do imaginário do aluno na aprendizagem da história (XAVIER, 2010, p. 641).

Além dos documentos pessoais com os quais os alunos deveriam realizar a investigação de suas histórias de vida, tais como: certidão de nascimento, boletim escolar, cartão de vacinas, certidão de batismo, imagens fotográficas e outros que pudessem dar informação, deveriam incorporar a fonte oral para entenderem melhor sua trajetória de vida. Esta foi nossa metodologia principal, vista como importante instrumento de percepção de fatos da vida, que se encontra nas lembranças das pessoas com as quais convivemos os primeiros anos de vida. A tarefa era pedir a essas pessoas que narrassem os momentos e/ou acontecimentos da vida que achassem ser memoráveis. Sem a fonte oral, algumas questões não poderiam ser respondidas, ou seja, as memórias desses sujeitos durante a infância e sua trajetória de vida deveriam ser narradas, sem isso, não haveria dados. Lembramos, é claro, da impossibilidade de se narrar toda uma história de vida.

Segundo Guimarães (2012, p. 257), o ensino de História requer diálogo com diversas fontes e exige do professor investigações de saberes que norteiam e auxiliam a pesquisa, o ensino e a aprendizagem em sala de aula, o que a autora chama de prática construtiva.

Zamboni (apud FONSECA, 2006, p. 128) sobre o papel do ensino de História na construção da identidade, faz a seguinte colocação:

O objetivo fundamental da História, no ensino de primeiro grau (ensino fundamental), é situar o aluno no momento histórico em que vive. [...] O processo de construção da história da vida dos alunos, de suas relações sociais, situados em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente, em sua formação intelectual e social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertencer.

Em relação ao aluno, pensamos que ele não deve ser mero receptor de informações passadas sobre conteúdos programáticos que devem ser seguidos pelo currículo escolar. Com a escola tradicional, na maioria das vezes, o estudante fica alheio ao que está sendo transmitido, ou seja, não consegue fazer relação do conteúdo com seu cotidiano. É preciso,

para tanto, inovar, criar método que façam com que o aluno possa investigar e produzir suas próprias fontes, tornando-se ativo no processo de aprender e ensinar.

Como ação pedagógica, trabalhamos juntos - alunos e professora. O final foi instigador, principalmente em relação aos alunos da EJA, que são adultos e têm mais facilidade em expressar seus sentimentos e momentos vividos que se tornaram inesquecíveis.

Alertamos para as turmas que não seria possível narrar toda sua trajetória de vida, que deveriam destacar lembranças que fossem mais significativas em sua vida. Assim como o historiador, que faz recortes e seleciona quais documentos irá utilizar em sua pesquisa, eles também utilizariam esse método, com a intenção de escolher ou não determinado documento para uma pesquisa histórica.

A obtenção de fontes documentais foi mais difícil para os adultos. Alguns não possuíam certos documentos como cartão de vacinas e, algumas vezes, a ausência de imagens fotográficas da infância. Em contrapartida, os relatos orais foram de suma importância na pesquisa dessa faixa etária. Produziram narrativas ricas em detalhes e carregadas de sentimentos e ressentimentos. Dessas histórias, destacamos duas, com as quais iremos trabalhar, mas que abordam o mesmo tema: convivência com o pai. O documento, em alguns casos, mostrou-se ausente, mas as narrativas deu-nos a dimensão da necessidade do trabalho com memórias em sala de aula para compreender o cotidiano desses sujeitos e a formação de sua identidade.

Para a efetivação do trabalho e para que todos participassem, de fato, do projeto, durante as aulas eram feitas algumas perguntas instigadoras, a fim de que eles respondessem para, daí, desenvolver o tema e fornecer dados para serem discutidos. Perguntas como: E os objetos pessoais, que os pais guardam com tanto carinho, para que serve? Qual a intenção deles em escolher determinados objetos para servir de lembranças? Precisamos dialogar bastante antes de iniciar a pesquisa, principalmente com os alunos do 6º ano, que chegam à segunda fase do Ensino Fundamental ainda muito novos e, por vezes, imaturos.

Trabalhando juntos, fomos criando laços de companheirismo, pois ministrando aulas pela primeira vez naquelas turmas, senti a necessidade de me aproximar mais dos alunos e conhecer sua história de vida, o que é essencial para o bom andamento das aulas, melhorar a convivência entre eles e aprender a lidar com cada um. Precisava então ensinar e aprender, e aprendi muito. Passei por momentos emocionantes. Às vezes, era impossível conter as lágrimas ou não dar belas risadas durante a execução e apresentação da pesquisa.

Sabemos que os alunos possuem saberes, ou seja, trazem uma bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo da vida “ele[s] não apenas estuda[m] e aprende[m], mas

faz[em] história, participa[m] da história, tem concepções prévias dos fatos históricos” (GUIMARÃES, 2012, p. 181), ou seja, carregam consigo os saberes que adquiriram ao longo de suas trajetórias. Trabalhar com esses projetos deu-nos a dimensão do saber que o aluno possuía. Essa metodologia possibilitou uma socialização entre professores, alunos e as pessoas que fizeram parte da pesquisa. O projeto só precisa ser pensado, planejado, bem organizado e passado aos alunos, com clareza, para que eles possam ter um direcionamento, saibam exatamente como realizar as atividades de campo. Feito isso, os alunos têm maior facilidade em investigar e descobrir dados que possam auxiliá-los na pesquisa das fontes documentais de qualquer projeto a ser desenvolvido.

Concluída a organização, chegou o momento de colocar o projeto em prática. Para tanto, em ambas as turmas tivemos duas aulas para explicar o que é documento, que foi nosso objeto de estudo, e como deveriam trabalhar: quais as questões que deveriam levantar ao entrevistar os indivíduos que os auxiliaram nas lembranças da primeira infância. Portanto, suas memórias teriam apoio nas lembranças de outros.

Fizemos um roteiro das entrevistas que deveriam seguir. Como iriam trabalhar com familiares, ficou mais fácil o estudo da memória, porque lidaram com fatos e vivências presenciadas pelas famílias. O guia de entrevistas estava estipulado com perguntas que pudessem ajudá-los a entender como foram seus primeiros anos de vida, ano e mês do nascimento, peso, altura, e outras informações encontradas nos documentos pessoais. Para o registro das memórias, seguiu-se o roteiro da seguinte forma: perguntar se era um bebê saudável, se chorava muito ou não, como era o comportamento, do que gostava de brincar, quando começou a andar e falar, narrar sobre seu primeiro dia de aula, etc.

Além da metodologia das fontes documentais e história oral, pedimos que utilizassem também das imagens fotográficas, enriquecendo a produção de suas narrativas. Como já vimos, a fotografia é importante aliada no estudo da história, entretanto, a imagem fotográfica precisa dialogar com outras fontes propostas de pesquisa e ser contextualizada.

Poderiam utilizar gravadores, celulares ou mesmo anotar as informações, em seguida, transcrever na forma de texto. As fontes sugeridas eram de fácil acesso aos alunos, saberiam onde encontrar. Em alguns casos, não houve o interesse da família em ajudá-los na realização da pesquisa, ficando vaga algumas das propostas sugeridas, isso para os alunos do 6º ano. Quanto aos alunos da EJA, com a ausência de algumas fontes documentais, informações como peso, altura, dia do batizado - para os católicos - também deixou a desejar. Assim, observamos que existem as lacunas no conhecimento histórico, mas que não interfere na construção de saberes.

Estipulamos um prazo de duas semanas para a entrega dos textos para leitura e, em seguida, foram devolvidos aos alunos para fazerem correções, dar sugestões, sanar dúvidas, etc. Ou seja, o cronograma teve como meta o tempo e as ações para que pudessem concretizar o projeto, conforme aprendemos com Guimarães (2012).

Os alunos deveriam, também, selecionar objetos pessoais que são guardados para servirem “de lembranças”, os chamados lugares de memórias, que agora serviriam como fonte de pesquisa. Para a História, esses lugares de memórias são importantes no sentido de perceber o que se guarda e o que não se guarda. Portanto, trabalhamos com narrativas orais, fotografias, documentos e objetos pessoais.

Depois de recolher as fontes, os alunos deveriam produzir um memorial, narrando sua história em ordem cronológica e ilustrando com as fotografias, caso possuíssem. Penso que o trabalho em ordem cronológica, além de produzir um trabalho bem organizado, serve também para que os alunos compreendam a noção de tempo histórico, e pode levar os alunos a pensar historicamente, pois:

O tempo histórico é produto das ações, relações e formas de pensar dos homens e essas ações variam ao longo do tempo cronológico. Em cada tempo histórico – ou em cada presente – coexistem relações de continuidade e de rupturas com o passado, bem como perspectivas diferenciadas do futuro (SIMAN, 2005, p. 111).

Muitos alunos ilustraram com as imagens fotográficas, colocando fotos de acordo com a idade, narrando os acontecimentos da ilustração, ou seja, a maioria fez um excelente trabalho. Entretanto, tivemos um aluno que conseguiu “resumir” sua história em dez linhas, porque os pais não o auxiliou na documentação e, menos ainda, nas memórias, por não achar interessante. Em relação a isso, precisamos dialogar com esse aluno, e com os demais, que o trabalho não visava apenas a obtenção de notas, mas que era importante a realização para a construção do conhecimento histórico. Em outras palavras, informamos que eles estavam produzindo conhecimento ao pesquisar e descobrir dados importantes na coletividade da história local, o que poderia se tornar fonte de estudos para outros.

Na sequência, foi estipulada a data da entrega do memorial e marcamos a apresentação do trabalho em sala de aula e a exposição dos objetos e documentos pessoais para a turma. As apresentações dos trabalhos aconteceram na sala mesmo. Alguns alunos disseram sentir-se envergonhados e não apresentaram, outros pediram para que eu lesse. Em outros casos, o aluno começava a apresentar seu memorial, se emocionava muito, não conseguia terminar, sendo eu ou outro colega quem concluía.

Os textos apresentados mostraram-se de grande importância para que eu compreendesse as dificuldades e o prazer de utilizar a história oral como metodologia de ensino e aprendizagem. Foram relatos de toda ordem: tristes, alegres, alguns escreveram para se “libertar” das angústias (como disse uma aluna) e outros optaram por narrar dores e ausências e dizer que conseguiram superar. Na sala da EJA, selecionamos duas narrativas que melhor mostraram o estudo com a história oral. Apresentaremos na sequência.

A aluna Bianca narra sua história de vida baseada nas lembranças de sua infância de como a sua relação com seu pai, que abandonou a família, das constantes brigas entre os pais e isso deixou marcas profundas em sua vida. Como se vê em sua narrativa:

Mas, um belo dia quando eu tinha sete anos, ele [pai] saiu para trabalhar e nunca mais voltou. Sofri muito. Queria meu pai de qualquer jeito. Às vezes, pensava que ele tinha ido embora e a culpa era da minha mãe. Mas o tempo foi passando, comecei a pensar que se eles não deram certo no casamento, melhor ficar separados. Isso não justificava nem querer saber notícias dos filhos. Percebi que ele não era bom marido para minha mãe, também era um péssimo pai. Porque marido e mulher, devem ficar juntos, enquanto tiverem felizes, mas pai e filho não podem separar nunca, só quando um ou outro morrer (março, 2010).

Percebe-se pelo trecho narrado que ela não compreende a indiferença do pai em relação aos filhos, porém entende os motivos que levaram à separação.

A narrativa a seguir mostra a admiração e o respeito que tem pela mãe. Com isso, percebemos que a narrativa carrega, de um lado, as memórias que a deixa frustrada, ou seja, há o ressentimento; de outro, sentimentos de pertencimento e de identidade no que se refere ao convívio com a mãe:

Minha mãe foi uma guerreira. Cuidou dos sete filhos, trabalhando na roça, crescendo juntos dela. Não tivemos chance de estudar porque assim que ficava maiorzinho, tinha que trabalhar para ajudar em casa. Então minha história quando criança foi assim, devo tudo que sou a minha mãe. Ela mora em Minas em Minas e meu pai em Brasília. Apesar de morar tão perto de mim, já faz mais de cinco anos que não vejo, nem falo com ele. É assim que trata os filhos até hoje, e no meu coração fica uma mágoa muito grande, que sempre rezo e peço perdão a Deus. Quanto mais o tempo passa, mais essa tristeza aumenta, porque éramos pobres, pobres mesmo, de às vezes ter de dormir com fome e minha mãe falava pra nós _ fica quietos e dorme que assim que amanhecer, arrumo alguma coisa pra vocês comerem. E mesmo assim diante de tantas dificuldades, ela nunca nos deixou. E sem dó nem piedade a pessoa que nos colocou no mundo, que deveria nos proteger, nos abandona diante de tantas dificuldades. Minha mãe é tudo na minha vida e exemplo. Hoje ela está velha e doente. Por causa de um glaucoma, ficou cega de um olho, mas ainda trabalha muito. É aquela mesma guerreira de quando eu era criança (março, 2010).

Vemos, portanto, que a participante não consegue perdoar o pai, mas mostra afeição pela mãe, por assumir a família e conseguir criá-los, apesar das dificuldades. Esse trauma e

desafeto com o pai influenciam decisões pessoais, que se resolverão mais tarde. A angústia de viver uma história semelhante a de sua mãe interfere em suas memórias e, conseqüentemente, nas decisões:

Quando eu tinha dezessete anos fiquei grávida. Como não tinha muita experiência, e tinha medo de casar, e ser infeliz como minha mãe. Pensava que todos os homens eram ruins. Na época morava em Luziânia e fui embora para Minas Gerais. Meu filho nasceu lá. Durante esse tempo, sofri muito para cuidar do meu filho sozinha. Nunca deixei de gostar do pai dele. Depois de todo esse tempo, voltamos a nos falar. Ficamos e nos casamos. Estamos casados há dezessete anos. Falar do meu marido é difícil, porque não consigo encontrar palavras para expressar tudo que ele representa para mim, o quanto é importante na minha vida. Só tenho que agradecer a Deus, por tê-lo colocado na minha vida. E pelas duas joias preciosas que ele me deu, que são meus filhos (março, 2010).

As mágoas que o pai deixou fez com que deixasse de viver uma história, por certo tempo, com medo de que os acontecimentos passados em sua família ocorressem com a nova, em construção. Para nós, tanto quanto para Bianca, ao relatar fatos que nos deixaram magoados, sofremos certo bloqueio na memória. No entanto, privilegiamos alguns fatos quando nos lembramos de acontecimentos bons.

Quanto aos filhos, assim relata a aluna:

Esses sim, enchem minha vida de alegria, me dão forças para lutar, mesmo quando a vida não parece ter mais sentido. A minha felicidade depende da felicidade de meus filhos, preciso deles como do ar que respiro. E há cinco meses atrás, meu filho me deu um lindo presente, outra joia preciosa que é minha neta, a caçulinha da família. Chegou à pouco tempo, e já é dona do meu coração. Olho para meus filhos e para minha neta e vejo Deus na minha frente. Como estou falando das pessoas que amo, não posso deixar de falar da minha nora, que a amo e considero minha filha (março, 2010).

Encerra narrando como é feliz e, apesar das lembranças ruins da infância, consegue superar. O fato de ter sido abandonada pelo pai não reflete na criação e amor pelos filhos, tendo como referência sua mãe.

Enfim, essa é uma parte da minha história. Sou uma pessoa feliz, não posso pedir muito para Deus, tenho é que agradecer. A única coisa que peço incansavelmente é saúde e paz para minha família. Obs.: Voltei a estudar depois de 23 anos, estou muito feliz e gostaria de agradecer a todos meus professores, que apesar de tão pouco já aprendi a gostar e respeitar todos vocês, em especial você, Cida (março, 2010).

Ao final do relato, ela deixa um recadinho: “Mãe, se um dia eu pudesse ser alguém, gostaria de ser você” (março, 2010). Diante do texto da aluna, percebe-se que ela fez a “recuperação” de sua memória individual ao traçar sua história de vida, narrando os acontecimentos mais importantes para ela. A aluna não cita e não pesquisa nenhuma

documentação pessoal, mas a narrativa mostra como as memórias influenciam seu dia a dia ao tomar ou deixar de tomar decisões. Com isso, notamos como as memórias afetam a nossa vida diária.

Nossa intenção ao trabalhar o projeto focou nesse conceito: a memória. Havia a necessidade de compreender como as lembranças de nossos alunos são resgatadas e chegam, sobremaneira, carregadas de emoção, influenciando as decisões tomadas ao longo da sua trajetória de vida, em especial, no momento da apresentação do memorial. Recordo a dificuldade da aluna em apresentar o trabalho, pois se emocionou muito. Algumas memórias de meus alunos, dos quais não me esqueço, marcaram não só a vida deles, mas a minha também.

Enfatizamos, também, que a história de vida de Bianca, como já dissemos, é marcada por acontecimentos traumáticos da infância e, apesar do tempo, não consegue apagar a mágoa que a deixa angustiada. Infelizmente, ou felizmente, algumas memórias nos acompanham por onde formos, pois mais que se tente esquivar, elas estão ali presentes, latentes em nossas recordações. Assim, há um receio de que as situações com as quais convivemos possam se repetir, daí evitarmos determinadas atitudes em nosso cotidiano. Nesse sentido, “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em exergo certas passagens” (ARTIÈRES, 2011, p. 04).

Voltando à importância da fonte oral, trabalhada em sala de aula, sentimos que seu uso valorizou nossos projetos, incentivando-nos a continuar a trabalhar esse conceito, que é tão rico e frágil ao mesmo tempo. Segundo Guimarães, o trabalho com fonte oral é indispensável quando o tema requer a incorporação no ensino de História, “dos protagonistas vivos, pessoas que estão vivendo e fazendo história no meio social próximo” (p. 345). Todavia, requer alguns cuidados, principalmente no que se refere à subjetividade: “As lembranças, os relatos estão impregnados de silêncios, contradições, omissões, ênfases, seleções, incoerências e, algumas vezes, distorções: assim como toda fonte, requerem problematização, análise, crítica e interpretação” (GUIMARÃES, 2012, p. 345).

No caso de Dona Maria, nossa segunda “construtora de história”, ela pode ter ocultado algo ou, simplesmente, existem fatos que são difíceis de falar sobre eles. Para preencher esse espaço, há silêncios. Não se lembrar de algo pode significar apagamento e silêncio, o que não compromete o trabalho com a história oral, ou melhor, torna mais rico esse método de pesquisa e ensino. Assim Dona Maria começa sua narrativa:

Como sou filha de primos 1º, nasci fraca. A minha mãe fala que é por ela e meu pai ser primos. Naquela época, nascia em casa mesmo. Não pesava, nem media. Fui vacinada. Só que não tenho cartão. A BCG, aquela que deixa marquinha no braço, essa eu nunca tomei. Fui batizada na Igreja Católica. Eu por ser filha única do meu pai, fui muito mimada. Desenvolvi rápido. Aprendi a escrever alguma coisa em casa (março, 2010).

Como a maioria dos alunos da EJA, Maria não encontrou documentos que tivessem informações sobre peso, altura e cartão de vacinas. De todo modo, ela quis fazer a narrativa, contando sua história de vida. Em relação à vida escolar, descreve o curto período de estudos, mas que viveu intensamente; fala ainda sobre o motivo pelo qual teve que abandonar a sala de aula, aos 11 anos de idade:

Meu primeiro dia de aula, eu lembro que a escola era bem perto. Eu ia na companhia de um tio, que também era criança, só um pouco mais velho. Ele não me esperou. O meu avô bem velhinho é que me levou até a escola. Gostava demais de estudar. Fiz só o primário, numa única escola e também uma só professora. Hoje ela é aposentada. Se chama Maria Abadia e mora lá na Firmeza. A minha formatura da 4º série, foi um sucesso, teve até forró. Eu estava usando um vestido amarelo, bem rodado. Boletim, não tenho mais. Só que no primário não tive notas vermelhas. [...] E até hoje tenho muito respeito e admiração pela professora. Se hoje eu sei alguma coisa, foi graças a ela: sua dedicação e boa vontade de me ensinar. Sai da escola aos 11 anos. Como tinha que via pra Orizona, para continuar a estudar, eu tive que parar com os estudos, pois era longe, não tinha transporte igual tem hoje. meu pai não deixou eu vir morar aqui. Até minha professora, chegou a falar com ele, que era cedo para parar com os estudos. Mas ele não concordou (março, 2010).

Dona Maria segue narrando como foi sua juventude:

Na minha comunidade tinha reuniões dominicais, eu sempre lia as leituras do evangelho e tirava cânticos também. Fiz a primeira Eucaristia e crismei também. Meu pai gostava de me levar nos forrós. Só que eu tinha que dançar, se ele me visse parada, ele me chamava para ir embora. Naquela época tinha muitos amigos. Todos se conheciam. Eu não perdia nem uma música. O tempo passou, eu conheci um rapaz, com o qual me casei só no civil. Só namorei com ele. Foi amor a primeira vista. Casei contra a vontade do meu pai, pois pela minha inocência, de uma única vez, fiquei grávida, e naquela época, ficando grávida solteira, eu mesma me senti na obrigação de casar. Pois eu queria dar um pai para meu filho. Eu acho que depois que os pais criam os filhos, eles não tem obrigação de criar netos não. Isto é uma covardia (março, 2010).

Na fala seguinte, narra como foi seu casamento, muito diferente do que imaginava ser, ou que gostaria que fosse seu romance e união estável.

Fiquei casada, 24 anos. Só que durante esse tempo todo, nunca tive uma semana de paz. Única coisa que não passei, foi fome. Fui traída e trocada a vida toda. Apanhei durante 15 anos. Ele bebia e quebrava quase tudo. Com

bebida e sem bebida, tentou me matar várias vezes. Eu muito doente e fraca, mas nas mãos de nosso Querido Pai do Céu, hoje me sinto vencida (março, 2010).

Diante de tanto sofrimento, decidi separar. Foi uma ideia que tive que esperar dez anos para se realizar. Ao ver a fala de dona Maria, percebemos como sua memória chega carregada de sentimento e, ao mesmo tempo, agradecimento por ter superado as perturbações durante seu casamento. O sonho de uma relação harmoniosa não aconteceu, aliás, tornou-se um pesadelo, uma realidade doída, uma vivência doentia, com sofrimento e mágoas, deixando registros na memória, traumas que marcaram sua vida e influenciaram o cotidiano. Assim ela explica as razões que a levaram a tomar a decisão da separação:

Um dia eu parei para pensar e cheguei a uma conclusão: não dá mais, meus filhos tem 24 anos, 22 anos e 20 anos. Eu trabalhei muito, dei exemplos, o que eu pude fazer, eu fiz. Muitos me perguntam: porque esperou tanto tempo? Esperei tanto tempo, foi na esperança de dias melhores. E também depois que a gente tem filhos, a gente vive é para eles. Eu não tinha um emprego, para garantir o sustento deles, e voltar para casa de meu pai, era injusto, saí uma e chegar 4? Pensei e planejei 10 anos. Sempre eu falava: quando meus filhos estiver de maior, eu sairei de casa. Meu ex-esposo sempre falava que a casa era dele. Foi no dia 26 de setembro passado. Para não ser morta, pois eu vinha sendo ameaçada, e torturada diariamente. Tomei uma atitude definitiva, com a cara e a coragem, um chinelo, um terno de roupa e uma toalha, saí sem rumo, sem ter para onde ir, sem nenhum centavo. Larguei casa, a minha maior riqueza que são meus filhos e um neto, quem eles são tudo pra mim, são a razão da minha vida (março, 2010).

A decisão foi difícil, porém necessária. Levou anos planejando, esperando o momento certo. Para ela, era questão de vida e morte. Optou pela vida. Saiu de casa, sem nenhum pertence, mas com a certeza de que era, realmente, o que queria. E não pretendia voltar atrás. Encerra a narração demonstrando ter superado anos de angústia, sofrimento, problemas de saúde, devido a maus tratos no ambiente doméstico.

Hoje já tenho minha casa própria, tenho um endereço fixo. Voltei a ter alegria. Deixei de lado a depressão, a tristeza, uma enxaqueca, uma dor insuportável que eu tinha no estômago, que para meu alívio, todo dia antes do almoço, eu tomava um litro de leite. Hoje eu tomo leite por gostar, não sinto dor nenhuma. Tudo isso eu devo a Deus, primeiramente. Tudo tem o dia e a hora certa. E a meus pais que são um exemplo na vida pra mim e me ajudaram muito. Eu peço todo dia, a todo instante que Deus dê vida e saúde e proteja, e livre de qualquer mal. Aos meus amigos e parentes, por me ajudarem e me dar força e me apoiarem também. Me divorciei. Comecei do nada. Esse ano, no meu aniversário, foi em janeiro, ganhei um bolo de aniversário e a minha casa de presente. Comecei estudar, pois senti a necessidade de voltar a uma sala de aula. Amo a escola e meus professores também. São uns anjos e que Deus os protege e livre de qualquer mal. Gosto muito da vida, da liberdade, do sossego. Hoje posso dizer, estou feliz. Tem dia que a saudade dos filhos aperta, sinto solidão. Só que a gente cria os

filhos é para o mundo. Estou morando sozinha e Deus. Gosto de tudo limpinho e cheiroso. Gosto de sair, de dançar, me arrumar. Gosto de plantas, de músicas, de ouvir a Rádio Orizona. Eu amo viver a vida. É tão curta, e se eu morrer em breve, morrerei feliz. Gosto também de coisas sadias, boas amizades, de dançar e rir bastante. Gosto de falar com Deus, e ir à missa. Enfim, essa é só uma parte da minha vida (março, 2010).

Ao analisar a fala de D. Maria, fica evidente o papel que ela acreditava desempenhar na família, a de provedora do lar. Deveria criar os filhos, para depois separar e viver a vida à sua maneira. Como vimos, foram anos difíceis, mas chegou o momento de decidir, agir e seguir sua trajetória de vida sozinha.

A narrativa, segundo Bosi (2003), faz com que o indivíduo volte no tempo, o que ela considera como uma riqueza, da qual dispomos para reconstituir fatos vivenciados (p.66). É interessante observar que esse processo da separação ultrapassou os muros da casa e chegou até a escola. Como ela disse, assim que separou, decidiu voltar a estudar, porque gostava muito de aprender, mas o esposo não deixava. O ex-esposo a perseguia na porta da escola, vigiava do lado de fora, a ameaçava de morte, e tínhamos muito medo de que pudesse atentar contra a vida dela. Ela resistia e dizia estar decidida a não reconciliar. Por fim, ele desistiu e mudou-se pra outra cidade, para alívio de todos.

Observamos pelas narrativas das alunas e nos memoriais apresentados, que a memória aflorou, trazendo consigo sentimentos “adormecidos”, que precisavam de algo que os despertasse e fossem “lançados” com palavras capazes de aliviar esse sentimento de angústia, de tristeza, de ressentimento. Mas foram somente sentimentos ruins? Obviamente que não. Ao narrar nossa história de vida, as lembranças também chegam carregadas de afetos, de carinho, de harmonia, de paz interior, de saudade, de amor, de amizade, de companheirismo, enfim, sentimentos bons que são rememorados e transmitidos ao outro. Dessa forma aconteceu com nossos alunos da EJA, deixaram a memória aflorar quando foram levados a recordar momentos agradáveis e desagradáveis.

Em relação à turma do 6º ano, como suas memórias foram apresentadas? Para o estudo da memória dessa turma, analisaremos as imagens e o texto da aluna Sofhia, sendo que esta possui o seu memorial arquivado em seus pertences. Também as imagens fotográficas da apresentação do memorial das alunas Vitória e Letícia. Como não arquivamos os trabalhos em nosso projeto, ao entrar em contato novamente com alguns desses alunos – pois não conseguimos localizar todos eles – percebemos que o material foi descartado, como o fazem a maioria dos jovens que não valorizam suas memórias e seu passado, o que “aumenta a dificuldade de problematizar a relação passado, presente, futuro. Essa situação se agrava nas

sociedades modernas que são, por definição, sociedade de mudanças constantes, rápidas e permanentes” (SIMAN, 2005, p. 116).

Iniciaremos pela aluna Sofia, que guardou seu memorial, acreditando que sua história de vida precisa ser preservada. Na sequência, analisaremos as imagens fotográficas das alunas Vitória e Letícia. Ambas não possuem memorial, daí analisarmos apenas as imagens.

Figura 1- Exposição e apresentação do memorial da aluna Sofia



Fonte: Acervo da autora

A aluna Sofia realizou uma pesquisa instigante. Os documentos apresentados são: boletim escolar; fotos de seus familiares - desde a geração de seus bisavós e avós; a forma como seus pais se conheceram e constituíram família; trocas de correspondências dos pais enquanto namorados, que foram guardadas com muito carinho e ela pôde fazer sua pesquisa baseando-se nesses documentos; o vestido e os sapatos expostos foram usados no dia do batizado. Ela relata sua trajetória de vida narrando os acontecimentos mais importantes como brincadeiras, primeiro dia de aula e as novas amizades que fez na escola, e que permanecem, tornando consciente a historicidade de sua própria história. Sendo assim, o projeto favoreceu o estudo.

[...] na medida em que oferecemos às crianças oportunidades de tomarem consciência da historicidade de sua própria vida e de relacioná-la à historicidade de sua coletividade que estará propiciando o desenvolvimento de estruturas mentais e atitudes que acolherão a complexidade da temporalidade histórica (SIMAN, 2005, p. 119).

A aluna inicia seu relato com base em documentos pessoais e na fonte oral que colheu de sua mãe sobre seus primeiros dias após o nascimento. Recordo que a aluna Sofhia disse que nem imaginava muitos fatos ocorridos durante sua primeira infância e que, sem o estudo, provavelmente não saberia, pois não teria interesse em saber.

Eu nasci no dia 18 de setembro ... numa sexta-feira, às 11 horas e 55 minutos. Estava fazendo sol. Pesava 4 kg e 100 g. Medida 50 centímetros. Nasci no Hospital e Maternidade de Orizona. Era branquinha tinha os olhos espertos e observava tudo ao meu redor. Minha mãe me amamentou durante um mês e meio após meu nascimento. Não gostava de chupeta. Mamei à noite durante meus primeiros 10 dias. Dormia à noite toda. Quase não chorava. Adorava mamadeira. No dia 18 de setembro deu-se a escolha do meu nome ... pois meus pais acham muito bonito. Eu tenho uma irmã... Meu primeiro dentinho de leite nasceu quando eu tinha 6 meses. Comecei a falar com 10 meses e a caminhar com 11 meses. A primeira palavra que eu falei foi papai. Fui batizada no dia 25 de abril de 1999, na Igreja Matriz em Orizona, com 7 meses (março, 2010).

Observamos na narrativa da aluna Sofhia que ao registrar suas memórias ela toma consciência de como foram seus primeiros meses de vida, de como se comportava, as primeiras atividades de vida social em que se inseria, nesse caso, o batizado. “Ao tomar contato com a memória do grupo de referência familiar – que traz em si a vivência experimentada em outras épocas – as crianças são, então, impulsionadas a sair do pensamento do seu próprio tempo para pensar em outros tempos, estabelecendo relações, semelhanças e diferenças e, a partir daí, reconhecendo transformações e permanências” (SIMAN, 2005, p. 125). Ainda de acordo com a autora, isso faz com que, de um lado, “os alunos tomem consciência de outras épocas e, do outro, atribuam novo significado à consciência do seu próprio tempo” (p. 125).

Para Le Goff, os acontecimentos do grupo social estão ligados à nossa própria história, assim sendo, “Ambas se confundem: a história de nossa infância e das nossas primeiras recordações, mas também as recordações dos nossos pais, e é a partir de uma e outras que se desenvolve esta parte das nossas expectativas temporais” (1994, p. 206).

Shofia segue com seu relato, agora apontando para os estudos:

Eu não lembro do meu primeiro dia de aula. Só sei que foi em 2003, quando eu tinha 5 anos. Comecei a estudar no pré. Fiquei nessa classe durante um tempo, pois não havia professora para o Jardim. Depois arrumaram uma professora para o Jardim e passei pra essa classe. Aí eu passei para essa classe, completei o ano e depois passei para o pré novamente. Aí passei para a primeira, a segunda, a terceira, a quarta e a quinta e agora estou fazendo a sexta série, com 11 anos. Nunca reprovei, nunca ganhei advertência e nem suspensão (março, 2010).

Esse método de ensinar e aprender história, através do projeto *História da Minha Vida*, fez-nos perceber que nem todos os alunos conseguem ter pensamento histórico nem noção do tempo histórico em que sua vida se situa. A aluna Sofia possui essa percepção de tempo, pois relata sua própria história, buscando em seus antepassados apoio para construir seu memorial, ou seja, percebe que sua história não começa pelo relacionamento dos pais, mas bem antes, tendo então consciência de seu tempo vivido e do grupo social com o qual se relaciona.

Analisaremos a imagem da aluna Vitória:

Figura 2 – Exposição e apresentação do memorial da aluna Vitória



Fonte: Acervo da autora

Pelas imagens, observamos que a aluna apresenta vestuários, uma boneca e outros objetos que utilizou em sua infância. Apesar de não ter o seu memorial, lembro que seu trabalho foi bem organizado, bem estruturado. Na fotografia, é possível observar que sua mãe guardou vários objetos (principalmente vestuário) como lembranças, servindo de fonte de pesquisa para que pudesse realizar sua trajetória de vida, baseada tanto em documentos quanto em relatos de sua mãe.

Já a aluna Letícia fez sua apresentação com vários documentos que conseguiu reunir e relatou sua trajetória de vida baseada nas fontes orais colhidas por sua mãe. A aluna expôs objetos pessoais, fotografias que relata o relacionamento dos pais, casamento, fotos da mãe grávida e alguns acontecimentos de sua vivência familiar e na escola. Percebe-se que a aluna Letícia conseguiu reconstruir sua história de vida, cronologicamente, colocando as imagens de

forma que os acontecimentos foram organizados em ordem sucessiva de fatos, para que os demais presentes na sala de aula compreendessem sua trajetória vivida até então, como se vê na imagem fotográfica abaixo.

Figura 3 – Exposição e apresentação do memorial da aluna Letícia



Fonte: Acervo da autora

Durante todo o desenvolvimento do projeto escolar, trabalhamos com o que Bittencourt (2011) denomina de tempo vivido, ou seja, “o tempo da experiência individual: o tempo psicológico – os acontecimentos agradáveis parecem ‘passar rápido’ e os desagradáveis parecem ‘durar mais tempo’” (p. 200). Assim complementa o autor:

O tempo vivido é também o tempo biológico, que se manifesta nas etapas de vida da infância, adolescência, idade adulta e velhice. Na nossa sociedade, o tempo biológico é marcado por anos de vida, geralmente comemorados nas festas de aniversário, e evidenciado em idades bem delimitadas, que possibilitam a entrada na escola, na vida adulta – a maioridade –, o direito de votar, de dirigir automóveis, o alistamento militar [...] (BITENCOURT, 2011, p. 200).

O tempo vivido, segundo Siman (2005) “tem a sua lógica, ritmos e durações próprios” (p. 117). Portanto, “Na memória do vivido constata-se uma intuição da duração, da sucessão, da simultaneidade temporal, da relação entre passado, presente e o futuro, categorias de pensamento sem os quais o vivido se torna incompreensível” (p. 117). Essas memórias foram observadas nas narrativas e nos documentos apresentados pelos alunos, que teceram suas histórias de vida com base nas lembranças, tendo a percepção de que, assim como a história é

marcada pelo tempo, seu tempo vivido também é influenciado por diversos acontecimentos, o que vai concretizando sua existência, influenciado pelas lembranças.

Após a apresentação dos trabalhos, tivemos uma aula para as discussões das atividades desenvolvidas, em que os alunos expuseram as dificuldades encontradas, pontos positivos e negativos. O trabalho com documentos foi suficiente para escreverem sua trajetória de vida e compreenderem como os historiadores desenvolvem suas pesquisas, tendo como base os vestígios do homem ao longo do tempo. Nessas discussões, pude observar, ou melhor, avaliar, se os objetivos propostos foram alcançados. Em ambas as turmas a resposta é sim.

2.3. Memórias e imagens de casamento – memórias afetivas de sujeitos da comunidade

O projeto que se intitula *Memórias e Imagens de Casamento* foi realizado no Colégio Dorvalino Fernandes de Castro, na turma única do turno matutino, 8º ano, no IV Bimestre, em 2012. Contamos vinte horas aulas dedicadas à organização e aplicação do projeto. A experiência foi cansativa e gratificante, porém, frustrante, no sentido que nem todos os alunos realizaram as entrevistas sugeridas. Na verdade, apenas dois fizeram o trabalho.

Nesse projeto, nossos objetos de estudos foram entrevistas e imagens fotográficas de indivíduos que aceitaram relatar suas memórias afetivas sobre seus relacionamentos e casamentos, marcando uma trajetória de mudanças e permanências na comunidade relacionadas aos parentescos existentes, desde a fundação da comunidade aos dias que antecederam a pesquisa.

Para produzir a pesquisa, utilizamos as narrativas de sujeitos que ajudaram a tecer a história de seu tempo, ou seja, de pessoas da comunidade que auxiliaram na pesquisa, dando seus depoimentos. Para tanto, foi necessário recorrer às entrevistas e às fotografias para serem analisadas, discutidas, estudadas e trazidas ao espaço escolar e ao grupo local. A história oral e as imagens fotográficas foram metodologias propostas para essa pesquisa de ensino e aprendizagem.

Com a preocupação de que esse passado caísse no esquecimento, o projeto teve os registros gravados, transcritos, impressos e depositados na biblioteca, para pesquisas futuras. Para compreender o histórico desses relacionamentos, foram colhidos depoimentos de pessoas residentes próximos à escola, cabendo aos estudantes e ao colega Renato, que também residia na região, a coleta de dados sobre a temática proposta. Os registros catalogados são do período de 1920 a 2012.

Com as imagens já recolhidas, vimos como os relacionamentos e a moda dos vestidos de noivas mudaram ao longo do tempo. As imagens fotográficas, no início e meados do século XX, eram de difícil acesso por causa do seu alto custo, sendo impossível o registro em muitos casamentos, diferentemente do que ocorre atualmente, com amplo uso de imagens e vídeos.

Os objetivos propostos em relação à utilização da fonte oral surgiram em função da observação de mudanças comportamentais na região da Firmeza. Analisando as transformações dos hábitos e costumes nos relacionamentos amorosos que chegaram ao enlace matrimonial no período estudado, percebemos que o estudo possibilitaria reconhecer como os estudantes compreenderiam as mudanças e as permanências nos hábitos e costumes dos relacionamentos da região e como estes influenciam seu cotidiano. Ademais, objetivamos, ainda, levar os estudantes a perceberem as condições socioeconômicas no contexto dessas mudanças e as transformações para os grupos envolvidos, além de preservar a memória da localidade adjacente à escola. Para tanto, fizemos um breve histórico da Fazenda Firmeza, para que os leitores possam compreender como foi a formação das relações de parentescos desde a chegada dos primeiros moradores na região, e de como esses parentescos ainda se fazem presentes na comunidade local.

2.3.1. Conhecendo um pouco sobre a história da Fazenda Firmeza

A Fazenda Firmeza está localizada cerca de 25 Km da cidade de Orizona, Goiás. Temos poucas informações sobre os primeiros moradores da região da Firmeza, e as que temos são registros feitos por mim e Renato, na tentativa de escrever algo sobre a história local. Quanto à chegada dos migrantes, não temos registros que possamos pesquisar e comprovar. O pouco do que se sabe é através de relatos das pessoas mais velhas da comunidade. Os migrantes, ao chegarem, ocuparam várias extensões de terras na região da Firmeza e outras regiões circunvizinhas. Mas não conseguimos informações de que havia outros povos na região.

Sabe-se, porém, devido a alguns objetos encontrados na região, que a terra era ocupada por povos indígenas. Nívia, uma de nossas entrevistadas, diz: “Minha bisavó foi pega a laço” (novembro, 2012). Portanto, da mesma forma, não temos informações comprobatórias sobre os indígenas; desconhecemos como esses povos foram expulsos ou extintos da região. José cita quem foram os primeiros moradores da região:

Aqui onde mora o Vonim, de lá do ribeirão, morava o meu bisavó Gregório (Quim Gregório Pereira). Vieram cinco homem de minas, (atual Minas

Gerais). Aqui não tinha ninguém, era tudo mata não existia ninguém na Firmeza, talvez nem nome de Firmeza tinha ainda. Mas vieram cinco o meu bisavó era um, o outro foi o Antoin Fernandes de Castro, veio o Pai do Quim Olímpio Pereira. Então, não tinha dono a terra. Depois eles partiram em quinhões de terra. A família do Quim Olímpio foi pra mata terra muito boa. O meu bisavó ficou aqui, a terra dele ia até lá virada do Fabim Roma. O Totoin Fernandes de Lima, marcou a picada da terra dele, foi atravessando e ia até no Santana então, um bando de terra! Ali no Jaboticabal era duas famílias mas uma foi lá pro Junior, essas pessoas vieram de Minas e criaram essa firmeza nossa. Eles não era irmão não (agos/outubro, 2012).

É importante notar na fala dos entrevistados e, principalmente na de José, quando ele diz que não havia moradores na região. Dessa forma, mesmo involuntariamente, deixam transparecer que os povos indígenas foram “apagados” da história transmitida de geração a geração. Segundo depoimentos colhidos, descobrimos que na Fazenda Firmeza, durante a segunda metade do século XIX, havia outras famílias como Pereira Cardoso, Vieira Machado e Silva. Pode-se também destacar a família Fernandes de Lima, que chegou à mesma época.

Porém, segundo relatos, em 1850, a família Fernandes de Castro chegou à região, onde hoje se localiza a Firmeza, e ocupou grandes extensões de terra. Assim descreve Josefa Fernandes da Silva, 93 anos, conhecida como dona Fiinha ou Vitinha: “os Fernandes era raça de gente grande, era muito coisa, tudo tinha muita terra, tudo tinha muito conforto” (novembro, 2012). Dona Fiinha fala das condições financeiras da família da qual ela faz parte: eram abastadas. Pode-se destacar, também, a família Fernandes de Lima e a família Pereira como as pioneiras nessa comunidade.

Assim sendo, compreende-se que eram poucos os moradores da Firmeza. Inclusive, por esse tempo, até mesmo o município de Orizona não era muito povoado. Devido às dificuldades de locomoção, as viagens a outras localidades eram realizadas a pé, a cavalo e de carro de bois. Segundo Nívia, uma entrevistada de 93 anos, também moradora na região, esse fator favoreceu para os casamentos entre parentes próximos. Outro motivo para os casamentos entre parentes era a herança, pois, assim, os bens permaneciam na família. O mesmo acontecia com as demais famílias ricas, ou seja, com os Pereira e Lima, ocorrendo frequentemente o matrimônio entre as três famílias. Esse fato permite compreender o porquê de quase todas as pessoas da região terem uma relação de parentesco. Nesse contexto, vale lembrar, os casamentos eram, em muitos casos, arranjados, por questões financeiras, parentesco e amizade.

Era comum que as moças casassem novas. Segundo Nívia, sua avó se casou com treze anos. É interessante ainda mencionar que as moças eram constantemente vigiadas pelos pais, fato que explica o motivo dos quartos das moças serem em um pequeno cômodo, tendo no

máximo uma janela, sempre com a porta de acesso ao quarto dos pais, para não haver perigo das “fugidinhas” à noite, quando da visita dos pretendentes ou namorados.

Dona Fiinha possui uma memória privilegiada e rica em detalhes. Conta que perdeu seu pai logo cedo, ainda quando criança. Sua mãe passou a tomar conta da família e dos negócios. Logo, vendo que a filha estava ficando velha, ajeitou um namorado para ela. Fia relembra: “todo fim de semana envinha, mais que diacho de... mais eu ficava numa raiva, eu num ia na sala neim” (novembro, 2012). E com gesto demonstra como sua mãe fazia, beliscando o braço e empurrando-a para a sala.

Observamos nessa fala que dona Fiinha se relacionava a contragosto, obedecendo às ordens de sua mãe. Em um momento da entrevista relatou ao Renato uma visita de Florenço, o namorado indesejado, e riu muito da situação:

Quando foi uma vez eu ri o resto da noite e o dintirim rindo, de alegria de trem bão que eu achei, a varanda lá de casa, era cumprida, lá tinha uma caixa cumprida, ela era comprida mesmo de guardar coberta e a largurinha era estreita e ai quando foi de noite a mãe foi arrumar a cama lá e pois umas cadeiras na berada assim, e na ponta para dar cumprimento e largura né. Ai quando foi de noite era quais perto de amanhecer eu escutei um baruião, aqueles assoaios fazem um barui, ele caiu da cama. Até hoje quando eu alembro eu ainda... Mais eu achei bão... Manheceu lá foi nunca, levantou as cadeiras e... mais o susto foi essi, eu ri demais, óh! Mais foi um baruião, um baruião das cadeiras caindo nu assuaio, caiu tudo! Os trêm da cama foi tudo pru chão tamem... Eu ri o dintirim e o resto do dia, num podia lembrar, quando eu passava lá ria até fica molinha (novembro, 2012).

E sua mãe insistia, dizendo que ela estava ficando velha, ela respondia “deixa ficar”. Descreve-nos que não tinha ilusão de casar e queria ser era beata, “era mais bão, tinha liberdade para fazer o que quer” (novembro, 2012). Mesmo contra a vontade, acabou se casando com Florenço, aos 29 anos, em Orizona, durante a Festa de Nossa Senhora da Piedade do Divino. Foram de carro de boi para a cidade, para a Igreja a pé, de vestido branco e grinalda, não tiraram foto, nem fizeram festa. Retornando do casamento, foram morar na casa de sua mãe até construírem a sua própria. Quando perguntada se ela aprendeu a gostar de Florentino, respondeu: “ai foi o jeito né, num tinha outro recurso... foi gostando assim devagar, mas num foi de uma vez só não” (novembro, 2012).

Como relata dona Fiinha, as moças não tinham opção de vida, eram forçadas a se casarem. No caso dela, não motivada pelas situações econômicas, nem parentesco, pois o jovem Florentino era muito pobre. Mas o motivo que sua mãe encontrou para obrigá-la a se casar, mesmo sem amar, foi para que não ficasse beata, pois não era de bom grado. Como narrou, com o tempo, aprendeu a gostar do esposo.

Em relação à formação da família, é uma característica não somente da região, mas do período estudado, ou seja, o século XX, “os padrões foram mundiais, ou pelo menos tiveram semelhanças básicas em áreas muito amplas” (HOBSBAWM, 1995, p. 314). Assim, inserida nesse contexto histórico, dona Fia se viu obrigada a se casar e constituir família. Moça solteira mais velha, ou melhor, a “beata”, que seria a condição que ela escolheria, se tivesse opção, não era bem vista pela sociedade da época. Além disso, sexo antes do casamento era proibido pela religião, pois o ato sexual era visto como “pecado”, daí que os namoros não podiam ter nenhum contato físico.

Com o passar do tempo, as transformações foram ocorrendo e algumas mudanças foram observadas no modo de viver e se relacionar da região. Acompanharam as mudanças, porém, a relação de parentescos e laços familiares ainda é bem presente, ou seja, os relacionamentos amorosos mudaram ao longo do recorte trabalhados no projeto, mas os casamentos entre parentes e vizinhança ainda é frequente. Tais relacionamentos podem ser vistos, ainda hoje, entre meus próprios alunos e demais membros da comunidade. Por isso é importante que os alunos compreendam o modo de vida desses depoentes que, de alguma forma, continuam presentes em suas vidas.

Quanto à situação econômica, o que predomina na região é a pequena propriedade rural. Como a maioria as pessoas que se casaram ao longo desse período optaram por permanecer na região, adquirindo a propriedade, por herança, cedida por familiares, ou comprando terreno, a relação de parentesco é muito presente, como citamos anteriormente.

2.3.2. Organização e execução do projeto

Assim como já foi dito, para a organização do projeto, contei com a ajuda de alguns integrantes da escola. Dessa maneira, com a ideia em mente, fizemos uma reunião - Renato, Sônia e eu - para decidirmos quais metodologias seriam empregadas na pesquisa, a duração e a série participante das atividades. Optamos pela turma do 8º ano, porque era a turma mais criativa, participativa e que demonstrava interesse pela temática. Além disso, era uma turma relativamente pequena, o que tornava mais fácil quando da distribuição das atividades. Decidimos que iríamos trabalhar com depoimentos orais e entrevistas dirigidas, com uso de meios eletrônicos que eles possuem e dominam bem: celulares, gravadores e câmeras fotográficas. Tais aparelhos serviram de apoio ao trabalho com a oralidade e o resgate da memória. As entrevistas e a transcrição foram realizadas pelos alunos e o Renato, bem como a seleção das fotografias, para que pudéssemos digitar as narrativas e digitalizar os documentos que foram incorporadas ao produto final e utilizá-las na exposição.

Como os alunos residem no meio rural, devido à dificuldade de deslocamentos, a pesquisa de campo foi individual, cabendo a cada um optar por quem seria entrevistado e a quantidade de depoentes, desde que não fossem mais que quatro pessoas. Tivemos uma aula para explicar aos alunos o que é história oral e como e quando pode ser utilizada como fonte de pesquisa - especialmente nesse projeto, em que as fontes deveriam vir das narrativas de sujeitos que estavam dispostos a relatar sobre suas lembranças sentimentais. Realizamos juntos com a turma o questionário a ser utilizado na pesquisa.

Estipulamos um prazo de quinze dias para que entregassem os relatos transcritos e as imagens selecionadas, lembrando que eles deveriam falar com pessoas que estivessem dispostas a narrar uma experiência que envolvia, totalmente, os sentimentos e emoções. No entanto, deveriam prestar atenção no comportamento de cada um, para perceber as expressões de alegria, tristeza, frustração, assim como os gestos e entonação da voz, já que estariam lidando com lembranças de momentos de namoro, organização de festejos e casamento.

Realizada essa etapa e colhidos os depoimentos, fizemos uma leitura breve dos textos, digitamos e digitalizamos as imagens que foram possíveis. Alguns dos entrevistados não permitiram que levassem as imagens à escola, com medo de perder ou algo nesse sentido. Uns dispunham de uma única imagem, outros nem as tinham. Para o dia da exposição, que se realizou no dia 21 de novembro de 2012, confeccionamos convites e enviamos à comunidade.

Figura 4 – Convite enviado para a comunidade escolar e local



Fonte: Acervo da autora.

Durante o período de execução do projeto, procuramos o Sr. José Francisco, nosso aluno da EJA, também no Ensino Municipal, para fazer um poema acerca do tema, com base

nos relatos. O poema foi apresentado por nós, pois ele não pode comparecer no dia do encerramento, ou seja, dia da exposição. Por ser extenso, apresentaremos aqui algumas estrofes e texto, na íntegra, pode ser lido no apêndice deste trabalho.

Memórias de casamento

Na época de antigamente
No casamento tinha dança
Casavam-se só os parentes
Para conservar a herança.

O namoro naquele tempo
Não tinha abraço e beijo
Era pelo buraco da parede
Que matava o desejo.

[...]

Mesmo casando sem amor
A vida era assim
Passava a gostar um do outro
E era feliz até o fim

[...]

O sofrimento no casamento
Dizia que era sorte
Sofria a vida toda
Separação só na morte.

[...]

No casamento de antigamente
A mãe era a mais humilhada
Só servia para gerar filhos
E da casa cuidava.

[...]

Uma coisa muito triste
Que com o tempo foi mudado
Casa no maior amor
Mas brevemente, tá separado.

Para terminar esses versos
Não são todas as famílias desse jeito
Tem muitas famílias sérias
Que vivem com maior amor e respeito.

(José Francisco Pinheiro)

Convidamos também a escritora D. Inês, residente na cidade, mas com forte vínculo familiar com a comunidade da Firmeza, para fazer uma palestra acerca dos relacionamentos na atualidade. Segundo ela, as novas relações são “liberais demais”; o corpo “é morada de Deus” e, portanto, deve ser bem cuidado e vigiado, especialmente para as moças. Sua palestra foi realizada no pátio da escola, no dia do encerramento do projeto, tendo como público a comunidade escolar e várias pessoas da região que foram para prestigiar o evento.

O encerramento aconteceu com a exposição, a palestra, a leitura do poema e algumas falas de pessoas da comunidade. Organizamos a exposição com roupas de noivos e noivas, emprestadas por Dete e César, que se casaram na década de 1980. As imagens e os relatos foram catalogados de acordo com a década correspondente. Expusemos álbuns de casamentos, bolo (que foi surpresa pra mim), doces, buquê de noiva, etc. e montamos um altar, já que os casamentos foram realizados na Igreja Católica.

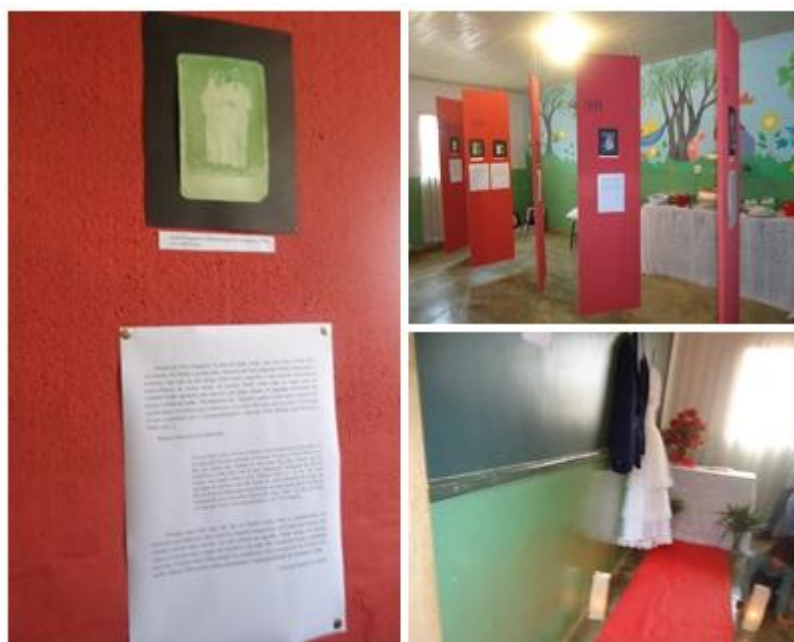
As imagens a seguir são da exposição:

Figura 5 – Folder a Exposição do projeto, a representação do casamento religioso e alguns objetos de enxoval



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6 – Catálogo das fotos com os relatos de acordo com as décadas trabalhadas e vestuário de noivos



Fonte: Acervo da autora.

Figura 7 – Representação da parte festiva dos casamentos e imagem dos organizadores do projeto



Fonte: Acervo da autora.

O último passo do projeto foi a avaliação. Chegou o momento de discutir com os alunos os pontos positivos e negativos, avaliar o aprendizado e perceber se os objetivos da pesquisa foram alcançados. A avaliação foi dividida em duas partes: a primeira, relacionada à entrega dos documentos da aula de campo, que foram as entrevistas (história oral); fizemos aí uma mesa redonda para discutirmos o que acharam do projeto e os alunos avaliarem o aprendizado. A segunda parte da avaliação consistiu na entrega de um texto, expondo as ideias e o que os alunos perceberam no decorrer do projeto. Tal procedimento foi feito com base na estrutura teórica de avaliação proposta por Gago (2009, p. 177): “Estes momentos de avaliação visam compreender o pensamento do estudante que evolui de um conhecimento informal para um conhecimento formal-científico”.

Nas avaliações, notamos diversas versões dos alunos acerca dos relatos e das mudanças ao longo do tempo “[...] só que naquele tempo, os namoros eram bem diferentes dos de hoje, eles apenas olhavam e falavam que estavam namorando [...] Naquele tempo, as mulheres não tinham o costume de preparar enxoval para o casamento”, relata Lorena Ramos. Thaisa Gonçalves observa que:

Na época de 1970 o namoro era bem mais rígido que atualmente. Só podia pegar na mão do namorado se fosse de longe. O namoro acontecia dentro de casa e com os pais vigiando para que não acontecesse nada antes do casamento, como por exemplo, ficar grávida. Mas o amor era muito sincero e verdadeiro (novembro, 2012).

Também existem os relatos colhidos por Renato, os quais expomos a seguir: a aluna Cláudia observou que “Não podiam nem mesmo pegar na mão quanto menos beijarem, apenas conversavam”; Dete diz que seu esposo César a pediu em namoro em 1980, e ele complementa: “Nessa época não tinha essas coisas de ficar não, era tudo mais sério”; Helô de Lima Pereira diz que no namoro de sua avó, Tiana Rosa Pereira, “era muito rigoroso, eles não podiam andar sozinhos, nem ir nos vizinhos”; Amália Castro enfatizou que D. Lúcia, para fugir das agressões sofridas pelo pai, casou-se bem jovem, aos catorze anos: “Lúcia se casou nova seguindo o os conselhos de sua mãe, pois, seu pai era muito bravo e ela apanhava muito. Era uma forma de se livrar das frequentes agressões”.

De forma geral, o estudo possibilitou uma maior interação entre alunos e comunidade. O trabalho com as memórias foi uma maneira de os alunos compreenderem como sua vida cotidiana e escolar está inserida no contexto histórico de seu tempo e na localidade em que reside. Para Bosi (2003, p. 53), “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Essa memória, ao ser trabalhada, deu-

nos a dimensão de como os projetos escolares são fundamentais para o desenvolvimento da percepção de tempo e espaço, analisados como uso de fontes históricas. Os professores, ao trabalharem com a história local e o cotidiano, encontram diversas fontes, que levam os alunos a pensar historicamente.

Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja. O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (FONSECA, 2006, p. 128).

Nesse sentido, compreender a vivência e os relacionamentos de pais, avós e outros parentes e vizinhos, e analisar as diferenças e semelhanças desses relacionamentos com os dias atuais, mostrou-nos a necessidade de compreender o tempo histórico e conhecer o espaço em que tais histórias foram vivenciadas. A história do lugar ganha sentido quando é estudada nas relações que esta comunidade estabelece com outras localidades, haja vista que nenhuma comunidade vive isolada. Dessa maneira,

A história do “lugar” como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-las apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares” (BITTENCOURT, 2011, p. 172).

Sendo assim, ao propor o estudo da história local, é preciso que o professor conheça, mesmo que seja um pouco, a história dessa comunidade, tornando possível alcançar os objetivos propostos. Na pesquisa aqui desenvolvida, especificamente, conhecer o histórico da região foi o que tornou mais fácil a execução dos projetos, principalmente o último analisado, que envolve histórias de casamentos.

Aliás, voltando a ele, temos ainda o relato de mais uma aluna, Lorena, que tece a trama amorosa de sua família com base nos depoimentos de sua avó e sua mãe. Assim ela expõe: “Minha avó Vani, não era muito de namorar, teve apenas um namorado, o Sr, Ramon. [...] assim como minha mãe, que também teve apenas um namorado, o Sr. Ed”. Encerra sua narrativa explicando que seus avós continuam casados e “são felizes e com o mesmo amor de quando se casaram”. Em relação a seus pais, diz que “[...] estão casados há 19 anos e se amam muito”. A aluna encerra dizendo: “Eu, Lorena faço parte dessa geração. Vamos ver daqui

alguns anos, como será a história de minha vida amorosa!”. De acordo com os relatos, em nenhum dos casamentos houve separação.

Com outras pessoas já acontece de forma diferente, contrária até, como é o caso de Nívia, que se casou três vezes e ficou viúva o mesmo número de vezes que casou. Agora, relata ela, “não quero mais saber de namoro e casamento” e vive em companhia dos filhos.

Atualmente, os meios de preservar a memória se tornaram abundantes, dentre eles, a fotografia e a história oral, nossos objetos de estudo nesse projeto. A fotografia possibilitou o registro de detalhes, como nos vestidos de noiva, que são imperceptíveis em outras fontes. Nas décadas de 1920, 30, 40, 50 e 60, apresentavam com mangas compridas, sem decote e ausência de transparência.

Figura 8 – Imagens de casamentos das décadas de 1920, 30, 40, 50, 60 e 70, respectivamente.



Fonte: Acervo da autora.

Ao analisar as imagens, percebemos como eram os vestidos de noivas: longos, com mangas também longas, sem decotes, com grinalda e véu curto. Algumas noivas não têm o buquê. Na terceira imagem, na primeira coluna, segundo relatos da aluna, o buquê foi confeccionado com flor de mangueira, porque não tinha condições financeiras para comprar.

Nas décadas seguintes, diminuíram as mangas, surgiu a renda e os decotes ficaram mais ousados. No início do século XXI, usa-se o decote, a transparência e o modelo “tomara que caia”, presente no vestido de Ariana, em seu casamento, em 2011.

Figura 9 – Imagens de casamentos das décadas de 1980, 90, do início do século XXI (2000, e 2011).



Fonte: Acervo da autora

Analisando as imagens, vemos que, além da fotografia ser colorida, o modo como se comportam durante o registro fotográfico também mudou em relação às décadas anteriores. Os noivos estão mais descontraídos, o que pode indicar que, agora, a união se dava por amor e não mais como uma imposição - como ocorria, na maioria dos casos, nas décadas anteriores. Podemos ter outro olhar: nesse período, tinham mais “intimidade” com a fotografia, de modo que visualizamos casais em harmonia, com maior intimidade, principalmente no casamento comunitário. Além disso, incorporaram outras pessoas às imagens fotográficas, como as damas e os cavalheiros, por exemplo.

Notamos ainda, no decorrer do tempo, uma mudança nos próprios relacionamentos e na forma de vivenciá-los. Inicialmente, o namoro se dava apenas pelo olhar e era vigiado pelos pais; depois, tornou-se “mais liberal”, como relata a aluna Helô. Vejamos o que observa a aluna Dan sobre o casamento de seus pais:

Meu pai conheceu minha mãe no Taquaral. O namoro deles é igual o de hoje: beijo na boca e abraço apertado, e mãos dadas. Eles namoraram 4 meses e minha mãe ficou grávida. Não teve a preparação de enxoval. Na época só tinha coberta [de algodão] e lençol. “Eu juntei para morar com meu marido. Tinha uma chácara que meu avô deixou de herança para meu pai, e ele construiu uma casa muito boa”. E existia amor entre eles. O casamento foi comunitário, no dia 30/01/2000. A cerimônia foi muito simples e bonita na Firmeza. Foi na Igreja Santo Antônio e quem tirou as fotos foi a Carmelita. A câmera fotográfica era colorida. A festa foi ótima, deu muita

gente. Todo mundo comemorou. No casamento comunitário, tinha um enorme bolo de casamento, tinha muita bebida, mas não teve forró (novembro, 2012).

Assim podemos ver as transformações nos relacionamentos ao longo do tempo. Esse relato mostra como essas mudanças acontecem, o relacionamento passou a ser conduzido pelo casal, da forma que queriam, de maneira que o contato físico e sexual ocorre normalmente, com possibilidades de a moça ficar grávida antes do casamento. No caso acima mencionado, o casamento aconteceu tempos depois, na comunidade em que viviam, juntamente com outros casais que se uniram para o enlace matrimonial, tornando possível a realização desse sonho comum à maioria dos casais.

Enfim, para nós, foi uma oportunidade de conhecer as memórias sentimentais presentes nas narrativas. O mais importante foi perceber a interação dos alunos com seus entrevistados, instigando-os a repensar e/ou perceber que sua história de vida está inserida em outros tempos e espaços e que, de certa forma, continuam presentes em seu cotidiano, como o parentesco existente na comunidade. Os projetos desenvolvidos com uso da história oral e outras fontes resgata a memória dos sujeitos e possibilita a oportunidade de introduzir as experiências de vida das pessoas comuns na sala de aula e permite observar que a experiência adquirida com o trabalho através de documentos direciona nossa visão para um ensino que valoriza a cultura local, os saberes, as tradições e as formas de relacionamento existentes na comunidade, trazendo um conhecimento histórico da realidade da vida cotidiana e local.

Com isso, “A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado” (BITTENCOURT, 2011, p. 168). As histórias aqui narradas trouxeram para o ambiente escolar um conhecimento que, sem a realização da pesquisa, não seria possível. Conhecer, analisar e descobrir que as relações, os contextos históricos e a economia modificam ao longo do tempo, faz perceber a temporalidade e inserir os alunos no pensamento histórico. Em função dos relatos, houve maior aproximação com a comunidade e, por meio da experiência, os estudantes ampliaram o conceito de documento e de percepção da construção do saber escolar.

Portanto, o resultado do projeto foi satisfatório. Os alunos perceberam as mudanças nos relacionamentos amorosos, viram como as memórias desse sentimento de amor continuam presentes em muitos casais, embora casados há muito tempo. Eles acreditam que o amor era mais sincero nos relacionamentos mais antigos e que estudar essas memórias foi

importante para compreender a estreita ligação existente entre as pessoas da comunidade. Assim, “O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação” (BITTENCOURT, 2011, p. 168). Para Guimarães, o ensino de História deve incorporar diversos temas, linguagens, fonte e materiais, quando o estudo que se pretende realizar está ligado ao convívio dos alunos.

Nós, professores, não apenas estamos na história, mas fazemos, aprendemos história em diferentes realidades. A educação histórica, a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorre apenas na escola, mas em diversos lugares [...] Ou seja, os currículos escolares devem contemplar conhecimentos comuns em âmbito nacional e também as singularidades, as especificidades do lugar de vivência de alunos e professores (GUIMARÃES, 2012, p. 237-239).

Comungamos com a autora ao dizer que o ensino de História precisa estar voltado para o cotidiano dos alunos, uma vez que, ao trabalhar com os projetos, percebemos que os alunos são motivados a ter um olhar crítico em relação aos acontecimentos históricos e pessoais, pois a história é vivenciada por todos nós, independentemente de condições sociais, econômicas, políticas, credos e línguas.

Ao avaliar os resultados, vimos que os projetos são fundamentais para trabalhar a “história vista de baixo”, como denomina Hobsbawm (2013), ou a história de gente comum. A partir disso, o professor deve estimular a busca pelo conhecimento, não apenas nos livros didáticos, mas apoiar-se em diversas fontes e linguagens, no processo de pesquisa, ensino e aprendizagem, porque os alunos respondem bem a essa metodologia. Assim, construímos o saber juntos e o compartilhamos com outros.

Concluimos que o estudo da história local, com o uso da memória, possibilitou conhecer e ampliar o conceito de pertencimento e de identidade, com os quais os estudantes convivem no dia a dia. Foi na história oral que percebemos a necessidade desse método como meio de preservar e valorizar as histórias que vão acontecendo e construindo a identidade dos grupos locais, apreciando a diversidade e a memórias das pessoas da localidade. A história oral, portanto, não foi a única fonte de estudo nos projetos, mas foi o foco desta pesquisa e, conseqüentemente, de suma importância para a realização de atividades de campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos discutir, ao longo da pesquisa, as diversas fontes e linguagens que os professores podem e devem utilizar em suas aulas de História, levando os alunos a terem contato com documentos, aproximando-os da função do historiador na produção do conhecimento e levando-os a pensar historicamente.

No decorrer da pesquisa, as percepções que eu conhecia acerca do pensamento histórico foram “clareando” as ideias de até então. Ao ministrar as aulas de História, sempre enfatizo aos meus alunos que eles precisam ter consciência de que fazem parte da História, que esta não é uma ciência que fica distante da realidade do aluno. Pelo contrário, é uma ciência que eles ajudam a construir, embora, na maioria das vezes, não haja essa percepção. Assim, esse pensamento histórico precisa ser desenvolvido com estudantes ao adentrarem no espaço escolar. Quanto mais cedo for inserido no ambiente escolar, melhor será o aprendizado.

Em relação à consciência histórica, este é um conceito que eu desconhecia e acredito que a maioria dos indivíduos não conhece. Falo isso porque conversei com várias pessoas, inclusive colegas de Mestrado, e nenhum daqueles com os quais dialoguei sabe que possuem consciência histórica e que ela existe desde o primeiro contato com os grupos com os quais se relacionam, dentre eles, a família, ou seja, é nato no ser humano. Essa temática foi relativamente nova pra mim, porque, como disse, foi ao longo dos estudos que pude perceber que estava aprendendo algo com o que lido no cotidiano das minhas aulas, não só na disciplina de História, mas em outras disciplinas que leciono. Todavia, inconscientemente, já discuto e trabalho com meus alunos a temática.

Quando eu digo: “Vocês precisam ter consciência de que fazem parte da História”, “Vocês precisam compreender que a história não é construída somente com os grandes acontecimentos e pessoas da elite”, “Vocês precisam compreender que os acontecimentos do passado interferem no presente, e é uma perspectiva para acontecimentos futuros” e assim por diante, estou fazendo com que os alunos percebam que são agentes históricos, que fazem a história, que a produzem, mesmo nas atividades diárias, como levantar de manhã, ir ao ponto para pegar o transporte escolar que o leva a escola e assim, sucessivamente. Segundo autores com os quais trabalhamos no decorrer desta dissertação, o pensamento histórico e a consciência histórica são temáticas de estudo e pesquisa que começaram no final do século XX,

daí serem relativamente novas. Por isso, despertou em mim um interesse intenso em conhecer, em aprender como tais conceitos são fundamentais no pensar criticamente sobre a História.

Acreditava que a conscientização histórica deveria ser ensinada na escola, porém, descobri que os alunos chegam ali com essa consciência formada. Sendo assim, se os alunos já trazem consigo essa consciência, qual o meu papel enquanto professora? Possibilitar que os alunos, e também eu, ampliemos essa ideia, precisamos debater para que possamos interpretar os acontecimentos históricos e da nossa própria vida como algo em construção.

Em relação ao pensamento histórico, esse sim, precisa ser trabalhado nas aulas de História, pois não é algo dado, mas ensinado, para que esses sujeitos aprendam a pensar historicamente, pois o pensar sobre a História é algo que precisa ser ensinado, e quanto mais cedo aprenderem, melhor, porque assim os alunos formam opinião sobre os acontecimentos ao longo do tempo. Ao trabalhar os conteúdos do livro didático, procuro citar exemplos que levam os alunos a entenderem que os fatos ali narrados, embora tratem, na maioria das vezes, da história dos dominados, que eles também podem estar tecendo essa trama histórica, mesmo sendo uma pessoa que realiza atividades corriqueiras em seu cotidiano. Para tanto, faço o exercício que chamo de “voltar no tempo” e imaginar como seria a vida das pessoas nesse período estudado. Assim, trabalhando a temporalidade histórica na formação do pensamento histórico, acompanhamos o desenvolvimento dos alunos, emancipando-os acerca das manipulações da história.

Diante desses esclarecimentos, penso que, ao trabalhar com projetos escolares, estou trabalhando com o pensar sobre a história, a conscientização histórica, a identidade local, as memórias, a valorização da comunidade. Necessita-se que o professor utilize de metodologias que estimule o pensar sobre a História.

Assim pensando, propomos uma experiência pedagógica no ensino de História, tendo como ponto de partida, projetos escolares que trabalham com documentos e estimulem o pensar sobre a História. Assim tornamos o ensino mais atrativo, utilizando práticas pedagógicas que estimulem os alunos a compreenderem o mundo que os cerca de forma que possa atuar como sujeito ativo, compreendendo que suas vivências estão inseridas nas demais: família, escola, comunidade local e outros. O trabalho em sala de aula requer criatividade, iniciativa e dedicação que possibilite ao aluno, entender que a educação acontece em todos os ambientes em que estes se encontram, valorizando o processo de aprendizagem. E o documento é um importante aliado nesse sentido: o aluno, ao ter em mãos os documentos necessita pensar como deve agir, para que seu trabalho seja então realizado de forma que se concretize o aprendizado. Pensando na dissertação, as discussões acerca dos documentos

foram enriquecedoras, pois tivemos que discutir vários autores e as perspectivas em lidar com esse método, especialmente com memórias, no ensino de História que criam ou separam vínculos de convivência no cotidiano dos alunos. Para tanto os documentos foram nosso foco principal de discussão, tanto nos projetos escolares quanto na pesquisa que ora de concretiza, aflorando a complexidade de tal metodologia dispensada em ambos.

Diante do complexo trabalho, percebi que ao lidar com atividades realizadas um pouco distante do tempo presente, fui sendo estimulada, pelo meu orientador, a “reativar” minhas próprias memórias, trazendo-as para o presente, com intuito de responder ao estímulo e desenvolver o pensamento crítico acerca da pesquisa e relembrar o andamento dos projetos desenvolvidos em sala de aula. Diante disso, as linguagens com as quais trabalhamos proporcionaram um estudo que veio estimular na realização de novos projetos de investigação/ação, que estimule os alunos a realizar novas pesquisas, com temáticas que os instigue, pois de nada adianta propor um projeto que não agrade aos alunos, porque não terá resultado satisfatório.

Discutindo com as diversas linguagens, conceitos e fontes, percebemos a amplitude da memória, haja vista que ela pode ser representada de distintas formas. Os alunos, ao realizarem suas pesquisas, tiveram que lidar com fontes documentais que viessem a fomentar as propostas dos projetos, ou seja, o estudo da memória.

O trabalho no ensino de História com documentos/fontes faz-se necessário para que o aluno compreenda que não basta apenas realizar a pesquisa, coletar informações, registrar imagens, coletar e transcrever a fala do depoente, precisa perceber que o material coletado se torna um aprendizado, um saber escolar. Por outro lado, esses métodos faz com que a educação seja centrada no sujeito, uma educação que amplia a concepção do papel educativo na formação do indivíduo.

Esta pesquisa, que lidou com dois projetos internos, fez-nos repensar que o trabalho em sala de aula nem sempre acontece nas dimensões planejadas. Assim, chegamos a uma conclusão de que o trabalho em sala de aula requer de nós, professores, muito empenho, dedicação, disposição para propor atividades que levem os alunos a ter “gosto” pelo ensino e aprendizagem, ter mais compromisso em produzir o conhecimento. Como fazer isso? Estimular o aluno. Acreditamos que o estímulo é a “chave” do interesse na aprendizagem. Daí surgem algumas questões: Os alunos não valorizaram suas memórias? O estudo com as memórias serviu apenas para “dar notas”? Mas esses problemas podem ser utilizados na própria sala para discutir as dificuldades na construção da história, na preservação das

memórias, da presença maior de uma história em relação à outra entre outros pontos que podem ser levantados e que envolvem a construção da história.

A pesquisa em si mostrou-se muito estimulante, mesmo com algumas dificuldades encontradas na coleta de memoriais realizados no projeto *História da Minha Vida*, que não foi arquivado por mim, mas devolvido no final das atividades. Apenas uma aluna a quem recorreremos havia guardado esse material. Podemos pensar que o desenvolvimento do projeto não surtiu o efeito esperado? Não, pois se conseguimos alcançar os objetivos, ou seja, o estudo da memória, embora, com vários obstáculos, a pesquisa foi concluída, superando nossas expectativas.

Dessa forma, mesmo com as limitações e as dificuldades enfrentadas na pesquisa, percebemos que o trabalho com os projetos nos deu a dimensão da complexidade do trabalho com fonte oral, auxiliando no processo de pesquisa, ensino e aprendizagem. Para tanto, precisamos sensibilizar nossos alunos para as causas que não estejam ligadas somente aos “grandes acontecimentos”, ou aos “grandes personagens” de nossa História: as causas das mulheres, dos camponeses – que é a realidade, dos alunos com os quais trabalhei – dos operários, dos pobres, dos marginalizados, enfim, daqueles que estão “fora” da historiografia tradicional.

Percebi que ao desenvolver metodologias e diferentes fontes na formação dos alunos, procurando ambientes externos à sala de aula, o ensino se torna mais prazeroso, menos cansativo e mais estimulante, levando os alunos a desenvolverem o pensamento crítico. Percebo, também, que eu ao regressar à sala de aula – pois estive ausente devido à licença, durante o curso do Mestrado – terei um novo “olhar” para o processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, além de perceber diferença na relação com os alunos enquanto seres que produzem e fazem História.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O Ouvir contar: Textos em história oral. Rio de Janeiro, ed. FGV, 2004. In: Associação Brasileira de Historia Oral (ABHO).

_____. Manual de história oral. Rio de Janeiro, ed. FGV, 2004.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BITTENCOURT, Circe M. F. O saber histórico em sala de aula. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 1998.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. O tempo vivido da memória. Ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: o desafio de ensinar história no ensino fundamental. In: Aprender história: perspectivas da educação histórica org. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca. _ Ijuí; Ed. Unijuí, 2009.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

CERRI, Luís Fernando. Ensino de História e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. A importância das novas tecnologias no ensino de História. In: Universo, Brasília, nº 1, fevereiro, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de Ensino de História. História oral, v. 9, n. 1, p. 125 - 141, jan/jun. 2006.

GAGNEBIN, J. M. O que significa elaborar o passado? In: Lembrar Escrever Esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GAGO, Marília. Uso(s) e “utilidades” da narrativa histórica na aula: um olhar de professores acerca da aprendizagem dos estudantes. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e BARCA, Isabel

- (org). Aprender história: perspectivas da educação histórica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009, pp. 175 – 197.
- GUIMARÃES, Selva. Didática e Prática de Ensino de História. Experiências, reflexões e aprendizados 13ª ed. ver. E ampl. – Campinas, SP: Papirus, 2012.
- HALBWACHS, M. A memória Coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 1990.
- HARTOG, François. Evidência da história: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. Sobre História; tradução Cid Knipel Moreira. – São Paulo: companhia das Letras, 2011.
- HORN, Geraldo Balduino. O ensino de História e seu currículo: teoria e método/ Geraldo Balduino Horn, Geysy Dongley Germinari. - 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas – SP. Ed. Da UNICAMP, 2003.
- MANCUSO. Maria Inês. Memória e sociedade: a dimensão teórica. Memória, representação e identidade. s/d, s/p. Disponível em: <http://www.google.com/search?hl=en&q=mancuso+mem%C3%B3ria>. Acesso em 20 de mai. 2016.
- MARTINS, E. C. de Rezende. História: consciência, pensamento, cultura, ensino. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 43-58, out./dez. 2011.
- NAKAMURA, Mariany Toriyama. GRIPA, Giulia. Fontes orais e o método de análise fotográfica oral: perspectivas de atuação do profissional da educação. In: Discursos fotográficos, Londrina, v. 6, n. 9, 77 – 101, jul./dez. 2010.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989.
- RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas SP: Editora Unicamp, 2007.

- RÜSEN, Jörn. Perda de sentido e construção de sentido no pensamento histórico na virada do milênio. *História: debates e tendências*, Passo Fundo, v.2, p. 2-22, dez. 2001a.
- RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2010.
- RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do Passado – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Ed. da UNB, 2010.
- SADDI, Rafael. O Estado de Suspensão na aprendizagem histórica: a força estética do conhecimento histórico na instauração de um momento sublime de consciência histórica. *Revista História Hoje*, v. 5, nº 9, p. 113-130 – 2016.
- SCHMIDT, Auxiliadora Moreira dos Santos. GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão de Rezende (orgs). Apresentação. In: *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.
- SCHMIDT, Maria auxiliadora. BARCA, Isabel. *Aprender história: perspectiva da educação histórica*. Organizadoras. Ijuí: ed. Unijuí, 2009.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- SEIXAS, Jacy Alves. Halbwachcs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. In: *História*. São Paulo; EdUNESP. v. 20, 2001 a.
- SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.
- SEIXAS. Jacy Alves. “Os campos” (in) elásticos da memória: reflexão sobre a memória histórica. BRESCIANE, M. S. Magalhães, M. B. e Seixas, J. (org). *Razão e paixão na política*. Brasília: Ed. UNB, 2001.
- SIMAN, L. M. C. “A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: Desafio para o ensino e a aprendizagem”. In: ZAMBONI, E. e DEL ROSSI, V. L. S. (orgs). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2005, pp. 109 -144.
- SOBANSKI, Adriane de Quadros. *Como os professores e jovens estudantes do Brasil e de Portugal se relacionam com a ideia de África*. Dissertação de Mestrado. PPGE - UFPR, 2008.
- THOMPSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias*. In: *Projeto História*, São Paulo, nº 15, p. 51-84, abril, 2002.

XAVIER, Érica da Silva. Ensino e História: O uso de fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico. Jacarezinho: Revista Anais Semana de História da UENP, p. 639-654, 2010.

ANEXOS

Memórias de casamento

Na época de antigamente
No casamento tinha dança
Casavam-se só os parentes
Para conservar a herança.

No casamento de antigamente
A mãe era a mais humilhada
Só servia para gerar filhos
E da casa se cuidava.

O namoro naquele tempo
Não tinha abraço nem beijo
Era pelo da parede
Que matava o desejo.

Os pais é quem sabiam
Com quem os filhos se casavam
Os noivos só se conheciam
Quando na igreja entravam.

Mesmo casando sem amor
A vida era assim
Passava a gostar um do outro
E eram felizes até o fim.

Como dizia sempre meu avô
Uma coisa muito engraçada
Muitos ficavam viúvos
E a vida alegrava.

O sofrimento no casamento
Dizia que era sorte
Sofria a vida toda
Separação só na morte.
O que agradeço a Deus
Com muito satisfação

Com 37 anos de casado
Continuo com o mesmo amor e afeição.

O casamento há muitos anos
Tinha coisa errada e maravilha
Uma delas é o que está faltando
É o valor de uma família.

Uma coisa muito triste
Que com o tempo foi mudado
Casa no maior entusiasmo
Mas brevemente tá separado.

Para terminar esses versos
Não são todas as famílias desse jeito
Tem muitas famílias sérias
Que vivem com o maior respeito.

José Francisco Pinheiro

(novembro, 2012)

AUTORIZAÇÃO

Eu Renato de Castro portador dos seguintes documentos:

RG 5291987, CPF 033.718.951-06, Título de Eleitor
056073421090 residente Apicima autorizo a Mestranda do
Mestrado Profissional em História, UFG, regional Catalão - GO, Maria Aparecida Gonçalves
Pereira Oliveira, a utilizar minha participação em sua Dissertação, de um projeto intitulado
Memórias e Imagens de Casamento na região da Firmeza, realizado em 2012, no Colégio
Dorvalino Fernandes de Castro.

Renato de Castro

Assinatura

Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira

Mestranda

Catalão, 26 de junho, 2012

Local/data

AUTORIZAÇÃO

Eu SÔNIA DE FÁTIMA MARIANO portador dos seguintes documentos:

RG 3991928 DGPC -GO - CPF 909.096.231-04, Título de Eleitor 76594510/82 residente POVOADO DE CACHOEIRA

autorizo a Mestranda do Mestrado Profissional em História, UFG, regional Catalão - GO, Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira, a utilizar minha participação em sua Dissertação, de um projeto intitulado Memórias e Imagens de Casamento na região da Firmeza, realizado em 2012, no Colégio Dorvalino Fernandes de Castro.

Sônia de Fátima Mariano

Assinatura

Maria Aparecida Gonçalves Pereira Oliveira

Mestranda

Povoado da Cachoeira, UFGOM 60/26/06/2017

Local/data